

CORPO E ALMA DO BRASIL

Direção do
Prof. FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

LVII
Dezembro de 1979



SERGIO MICELI

Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)

 **DIFEL**
Editora Editorial S.A.

São Paulo — Rio de Janeiro



CAPÍTULO II

A EXPANSÃO DO MERCADO DO LIVRO E A GÊNESE DE UM GRUPO DE ROMANCISTAS PROFISSIONAIS

Em fins do Império e ao longo da primeira década republicana, uma parcela considerável das obras de escritores brasileiros era impressa na França e em Portugal. Não obstante, a crescente relevância do mercado sul-americano motivou a instalação de filiais de editoras francesas no Brasil e na Argentina, como por exemplo as livrarias Garnier no Rio de Janeiro, Garraux e Hildebrand em São Paulo. Segundo Brito Broca, "os principais editores da década 1900-1910, no Rio, eram os Laemmerts, o Garnier, Francisco Alves, o Jacinto e o Quaresma. Na província, o movimento editorial continua a ser muito pequeno. Em São Paulo, ainda existe a Livraria Teixeira, que no século XIX lançou dois 'best-sellers': *Poesias* de Bilac e *A Carne*, de Júlio Ribeiro" ⁽¹⁾.

Laemmert, Brigueit e Francisco Alves são imigrantes que, tendo se familiarizado com o comércio livreiro onde começaram a trabalhar como balconistas, conseguem instalar-se no ramo por conta própria. Tendo chegado ao Brasil com dezessete anos em seguida à Proclamação da República, Ferdinand Brigueit empregou-se como lavador de garrafas, indo depois trabalhar na loja do Sr. Lachaud que trouxera da França uma exposição de material escolar; dali se transferiu para a Livraria Garnier onde se empregou como caixeiro. Graças a um empréstimo de dez contos de réis, torna-se proprietário da casa do velho Lachaud que acabara de requerer falência, montando então sua primeira livraria. Em 1893, inicia suas atividades enquanto editor, publicando o *Tratado de Direito Penal* de Von

(1) Brito Broca, *A vida literária no Brasil 1900*, Rio de Janeiro, MEC/Serviço de Documentação, 1956, p. 141.

Lizst e *O Fogo* de D'Annunzio. Após seu falecimento em 1934, a livraria passa às mãos de um sobrinho que, dois anos mais tarde, procede à fusão das duas tradicionais editoras com o nome de Livraria Brigueit-Garnier. É idêntico o caso do galego Francisco Alves, "um português ignorante, que vendia livros, como poderia vender carne seca ou batatas, e que deixou a sua fortuna à Academia Brasileira" ⁽²⁾. Com exceção da Livraria Quaresma, precursora das edições populares e pioneira da literatura infantil, os grandes 'best-sellers' do início do século tiveram o selo da Garnier — editor de Machado de Assis e de *Canaã* de Graça Aranha —, da Laemmert & Cia. — que arriscou com êxito retumbante na publicação de *Os Sertões* de Euclides da Cunha (1902) — e da Francisco Alves — que editou *A Esfinge* de Afrânio Peixoto ⁽³⁾.

Pongetti: um editor imigrante dos anos 30

A exemplo de seus antecessores do início do século, muitos dentre os novos empresários do setor editorial eram imigrantes que estavam de alguma maneira enfronhados com os negócios de importação: alguns deles começaram investindo no comércio de livros estrangeiros, outros se lançaram à montagem de oficinas gráficas para imprimir as revistas mundanas e de vulgarização que então se multiplicavam. Inúmeros comerciantes especializados na importação de livros resolvem ampliar suas atividades no ramo com a abertura de um departamento editorial: Pongetti, Vecchi, Petraccone, Garavini, Bertaso, Zagari etc. ⁽⁴⁾, foram sensíveis às mudanças que então se operavam e

(2) Medeiros e Albuquerque, *Homens e Causas da Academia Brasileira*, Rio de Janeiro, Renascença Editora, 1934, p. 135: "Tempo houve nesta cidade em que dois amigos, um português e outro brasileiro, tinham duas pequenas livrarias. Vendiam-se nelas principalmente livros velhos, em segunda mão (...) preocupados com questões de ensino, hesitando entre o comércio e o magistério, pensaram em fundir as duas livrarias. Um deles ficaria gerindo o importante estabelecimento e o outro iria fazer vida no ensino (...) quando os apuros eram mais sérios, o português, Alves, foi chamado para a loja de um tio (...) Mais tarde, Alves voltou ao comércio, por conta própria, e começou a editar livros pedagógicos".

(3) Brito Broca, *op. cit.*, cap. XIV, "Editores e 'Best-Sellers'", p. 141 e segs.

(4) Mario Zagari era proprietário da Tipografia e Papelaria Coelho; P. Petraccone fundou em 1935 a Athena Editora voltada para a edição de obras da literatura clássica; Nello Garavini adquiriu em 1934 a Minha Livraria Editora.

passaram a traduzir para o mercado interno as obras que antes eles mesmos importavam.

"Nossa primeira casa de modas instalou-se na Avenida Quinze de Novembro, perto da rua Paulo Barbosa. Tínhamos somente artigos finos importados, pois a incipiente indústria nacional mal chegava para a produção de riscados, zefires, chitas, morins e algodõezinhos de qualidade inferior e preço relativamente caro (...) Nossa residência era em cima da loja (...) Começamos fazendo bons negócios com os veranistas (...) Quase tudo quanto tínhamos era exclusivo, escolhido pessoalmente por meu pai nas suas freqüentes viagens à Europa ou recebido diretamente de firmas estrangeiras, das quais tínhamos representação. A elite percebeu logo a originalidade e alta qualidade da nossa mercadoria e fez da nossa loja seu ponto diário de reunião, sobretudo quando a primeira dama da República passou a vir quase todas as manhãs, às vezes apenas para uma conversinha com Mme. Pongetti, pela qual demonstrava grande simpatia como tantas outras senhoras socialmente importantes (...) Vendíamos também perfumes e produtos de beleza. Roger et Gallet, Houbigant, Piver, Coty, Guerlain, Lubin, dominavam o mercado. Estava ainda longe de surgir o costureiro perfumista para as mulheres de classe, fora de série, identificáveis pela linha do vestido e pelo aroma. Certa vez Roger et Gallet tentou sair da modéstia de suas embalagens e lançou *Souvenir de la Cour*, numa caixa com a tampa em relevo imitando cerâmica. Era luxuosa, mas não seduziu as nossas freguesas sofisticadas fiéis aos aromas e às apresentações sóbrias de Guerlain, o eterno (...) A loja de meu pai ficava no centro da mesma avenida e não tinha o espaço nem o estoque da anterior. Observava-se uma mudança no gosto do público: as fábricas de móveis começavam a combater o mobiliário importado, as camonas de ferro francesas, os grupos austríacos de madeira vergada ou os ingleses de couro (...) Com o desenvolvimento rápido dos negócios mudamos para outra loja muito maior, no Centro da Avenida Quinze de Novembro, bem próximo da nossa loja de móveis. Abria a loja às sete da manhã; fazia a limpeza de tudo, até da calçada; passava pano com álcool nos vidros das vitrinas; renovava os mostruários das portas dando caprichosos panejamentos aos tecidos; e botava o

troco do dia na caixa registradora... Às oito da manhã minha mãe descia para começarmos a dura luta no balcão e no atelier de chapéus (...). As lojas abriam às sete da manhã e fechavam às dez da noite, quando chegava o último trem do Rio (...). No verão passávamos parte do domingo marcando o novo estoque, coisa exaustiva porque tínhamos também armarinho e era incontável o número de unidades cujo preço tínhamos de calcular e de escrever nas etiquetas. Nossa loja ficava semi-vazia dias e dias; só as poucas famílias da elite residente nos davam a honra de sua presença e de sua estima. Éramos considerados um feudo inexpugnável do capitalismo veranista (...). Tínhamos a solidariedade dos outros negociantes de artigos finos (...). Olá, Eppinghaus! Olá, Baldner! Olá, Falconi!..."⁽⁵⁾.

O caso dos irmãos Pongetti revela as disposições sociais necessárias àqueles agentes que nos anos 30, no início do processo de "substituição de importações" no setor editorial, se lançaram como empresários nesse ramo do mercado de bens culturais. A essa altura, se havia constituído nos principais centros urbanos do país, mormente no eixo Rio-São Paulo, uma categoria de importadores cujo êxito comercial dependia de seu faro e de sua capacidade de pressentir e satisfazer a demanda por artigos de luxo⁽⁶⁾. Eram imigrantes dotados de qualificações profissionais para os requintes do trabalho artesanal e de padrões de 'gosto' que haviam adquirido em seus países de origem. Estavam, portanto, habilitados a contribuir para o trabalho de reprodução do estilo de vida da classe dirigente local, ou seja, em condições de atender às demandas dessa clientela nas áreas do mobiliário e da decoração, do vestuário, dos artigos de tocador, etc.

Diversas circunstâncias que favoreceram o envolvimento de importadores com a atividade industrial em São Paulo, também contribuíram para a reconversão de vários comerciantes de

(5) Henrique Pongetti, *O Carregador de Lembranças (memórias)*, Rio de Janeiro, Editora Pongetti, 1971, pp. 73, 74, 78, 79, 80, 104.

(6) Ver Warren Dean, *A Industrialização de São Paulo*, S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971, primeira parte, Origens econômicas e sociais do empresariado (1880-1914), capítulo II, A matriz econômica: a importação, pp. 25/40.

artigos 'finos' em empresários de bens culturais⁽⁷⁾. Não bastava vender produtos acabados, "*cache-pots* monumentais, *biscuits* delicadíssimos, quadralhaços acadêmicos de Paris"⁽⁸⁾, era preciso conhecer a tecnologia, dispor das habilidades e dos segredos do ofício de decorador e de outros especialistas na confecção de reposteiros de brocado ou veludo, de *brise-bises* de renda vaporosa, e de encomendas similares. A perícia e o acabamento no reparo de "móveis embutidos de madrepérola e debruados de bronze" ou os cuidados exigidos na douração de toda sorte de utensílios, constituíam requisitos tão importantes para o êxito nesse ramo como o conhecimento dos materiais nobres, dos estilos, dos figurinos e outras revistas de divulgação, dos fornecedores, das 'dicas' e 'bocas' que os contatos com os grandes centros metropolitanos lhes asseguravam.

"Tinha minhas freguesas preferidas para as quais escondia, quando chegavam, as novidades que iriam encantá-las. Minha mãe fingia não perceber essa parcialidade um pouco anticomercial, mas tolerava-a certamente em homenagem à beleza e alta posição social das minhas eleitas (...). Retirava do esconderijo o *imprimé* de crepe da China ou de tafetá e mostrava-o (...). Sim, usava minha lista branca e minha lista negra. Mas como tínhamos criaturas bonitas e agradáveis na nossa fidelíssima clientela! As Vidal, filhas dos Barões de Santa Margarida, irmãs do famoso craque do Fluminense e meu companheiro de colégio, eram, como diria o colunista Figueiredo Pimentel, "um *bouquet* de flores humanas". Os olhos azuis de Lulu Honold (...). Uma das irmãs Filgueiras, a do narizinho arrebitado (...). As Sá Pereira eram louras e esguias, uma tinha nome de grega, Eucaris (...). As Nolasco, as Quartim, as Vilar, as Costa Motta, as Bento Coelho, as Proen-

(7) "Em primeiro lugar, por sua própria natureza, a importação requeria certo número de operações realizadas *in loco* (...). Uma segunda explicação da transição da importação para a manufatura reside na posição estratégica do importador na estrutura do comércio. O importador, e mais ninguém, possuía todos os requisitos do industrial bem sucedido: acesso ao crédito, conhecimento do mercado e canais para distribuição do produto acabado (...). Mas havia outro aspecto em que a posição do importador era estratégica como industrial potencial. Um sem-número de vezes os importadores converteram suas agências de vendas em fábricas autorizadas", W. Dean, *op. cit.*, pp. 26/28.

(8) H. Pongetti, *op. cit.*, p. 110.

ça, as Graça Aranha, as Alberto Faria, Eliane Gomes, as Leitão da Cunha, as Maya Monteiro (...)”⁽⁹⁾.

Afora os contratos de representação que esses importadores firmavam com fabricantes e distribuidores europeus, a posição estratégica de importador de bens de luxo lhes facultava um conhecimento íntimo das características de sua clientela de privilegiados. Não é de estranhar, portanto, que esse trânsito entre as famílias dirigentes lhes permitisse identificar os ramos do comércio e dos serviços de lucro onde a expansão da demanda encorajou os importadores a diversificar seus investimentos.

“Muitos italianos seguiram o mesmo itinerário, foram estabelecendo posições nas montanhas salubres antes da conquista da metrópole saneada (...) Mas meu pai, ainda desconfiado, tratou de comprar para nós administrarmos, um hotel de veraneio e de turismo no Alto da Boa Vista, entre florestas e cascatas (...) na hora da decisão final fraquejaram como duas crianças à porta de um quarto escuro: permaneceram na serra dirigindo um outro hotel, o *Modern*, comprado do Fioretti já velho (...) Repentinamente virávamos hoteleiros, depois de uma longa experiência na feira de ostentações de uma casa de modas e na feira de intimidades de uma casa de móveis. Nos sairíamos bem desse negócio complexo e delicado como o ter de lidar com pessoas (...) Meu pai permaneceu uma semana conosco para nos dar instruções e organizar a criadagem (...) tínhamos poucos hóspedes, mas o restaurante era procuradíssimo pelos turistas e passageiros de navios com tempo suficiente para a clássica ‘volta da Tijuca’. Nossa adega gabava-se de um sortimento de vinhos das melhores marcas e safras (...) Gostava de tudo, do novo campo de observação do comportamento humano, das paisagens, do clima ameno no inverno e no verão, das famílias eminentes que aos primeiros calores ocupavam seus palacetes e *bungalows* na pracinha próxima e no caminho do Lampião, das Furnas e da Gávea Pequena”⁽¹⁰⁾.

O sucesso alcançado no ramo hoteleiro comprova a extensão do campo de aplicação do ‘gosto’ burguês que pode ser usado como uma espécie de capital facilmente conversível num

(9) *Id.*, *ibid.*, p. 103.

(10) *Id.*, *ibid.*, pp. 153/4, 156/7.

amplo espectro de atividades economicamente rentáveis. De fato, a experiência enquanto modistas, decoradores, chapeleiros, hoteleiros, em suma como difusores e intermediários do estilo de vida importado da Europa, constituiu uma iniciação prática na produção de bens simbólicos que substituiu a primeira educação na classe dominante, ou então, a aquisição de capital cultural através do sistema de ensino. A familiarização “prática” com o gosto burguês que se realiza através de encomendas, da escolha dos modelos, das cores, etc., é uma das condições para o êxito econômico de uma empresa familiar num campo em que os irmãos Pongetti não dispunham de qualquer outra vantagem e onde não podiam mobilizar nenhum capital de relações sociais. Sendo originários de uma família especializada na prestação de serviços na área do ‘gosto’ e do lazer, os irmãos Pongetti dispunham das aptidões profissionais necessárias para se aproveitarem das oportunidades lucrativas de emprego da competência refinada que haviam adquirido em seus empreendimentos anteriores. Não é de estranhar, pois, que acabassem se tornando co-proprietários de uma gráfica que logo passou a operar como editora autônoma.

As características do ‘boom’ no mercado do livro

Monteiro Lobato foi o maior *best-seller* de 1937, com 1.200.000 exemplares de livros e traduções sob sua responsabilidade, ou seja, mais de metade dos 2.300.000 exemplares impressos pela Companhia Editora Nacional e sua sucursal, a Editora Civilização Brasileira⁽¹¹⁾. Tal cifra constitui praticamente um

(11) Octalles Marcondes Ferreira se iniciou no ramo editorial como sócio de Monteiro Lobato; em 1925, fundou a Companhia Editora Nacional, adquirindo a maquinaria do então falido autor de *Urupês*. Em 1932, estende suas atividades à capital federal com a empresa Civilização Brasileira, Sociedade Anônima, que, no início dos anos 40, passa a denominar-se Editora Civilização Brasileira S. A. Além dele, outros membros da família constam da diretoria ou se incluem entre os principais acionistas da filial carioca. Dados extraídos de atas de Assembléias da empresa, datadas respectivamente de 20 de março e 30 de maio de 1941, *Diário Oficial da União*, 25 de março e 30 de maio do mesmo ano. Mais tarde, na década de 50, a direção editorial da Civilização Brasileira passou às mãos de seu genro, Ênio Silveira, que começara a trabalhar no departamento editorial da Companhia Editora Nacional, depois de concluir a Escola Livre de Sociologia e após um período de estudos nos Estados Unidos. Consultar esboço biográfico in Afrânio Coutinho, *Brasil ... op. cit.*, vol. II, p. 494.

terço da produção total brasileira nesse ano. Outros autores contribuíram para o sucesso comercial das principais editoras (Humberto de Campos [Editora José Olympio], Machado de Assis [Editora Jackson], Afrânio Peixoto [Editora Guanabara], Joaquim Nabuco [Civilização Brasileira], Aluisio Azevedo e Graça Aranha [Editora Briguier-Garnier], Agripino Grieco [Cia. Brasil Editora]), ou seja, algumas das figuras de maior prestígio intelectual da geração de 1870 ao lado dos polígrafos anatólios em evidência na República Velha⁽¹²⁾.

Contudo, esses escritores nacionais com êxito comercial garantido não eram a única fonte importante de lucro para os editores ao longo das décadas de 30 e 40. A lista de autores estrangeiros que ostentam os recordes de vendas em 1937⁽¹³⁾ inclui figuras consagradas em companhia de expoentes nos chamados gêneros 'menores' segundo os padrões então dominantes de legitimidade no campo literário. Esse consórcio encontra sua razão de ser tanto nas demandas que fazem as novas categorias de leitores e que nem sempre se pautam pelos princípios de legitimidade vigentes, como nas mudanças dos critérios que passam a informar as decisões dos editores quanto às obras a serem importadas e traduzidas pelos editores.

Os livros de aventuras, os romances policiais, os idílios de amor improvável no estilo 'flor de laranjeiras', as biografias romaneadas, eram os gêneros de maior vendagem: as obras do criador de Tarzan, os romances épico-históricos de Alexandre Dumas e Rafael Sabatini, os folhetins de Charlie Chan, as

(12) É o caso típico de Afrânio Peixoto. Ao longo dos anos 30, foram impressas a 6.ª, 7.ª e 8.ª edições de *Medicina Legal*, a 4.ª, 5.ª e 6.ª edições de *Psico-Patologia Forense*, a 4.ª, 5.ª, 6.ª e 7.ª edições de *Noções de Higiene*, a 5.ª e 6.ª edições de *Elementos de Higiene*, a primeira edição da *História da Literatura Geral* e da *História da Literatura Brasileira*, a 1.ª e 2.ª edições de *Martha e Maria*, todas com o selo da Livraria Alves, e mais a primeira edição de suas obras completas pela Jackson em 25 volumes, sem falar dos romances e obras em todos os gêneros publicados por outras editoras. Dados extraídos de Leonidio Ribeiro, *Afrânio* ..., *op. cit.*, 419/426.

(13) Entre outros, E. Rice Burroughs, M. Delly, Edgar Wallace, Will Durant, Maurois, Stefan Zweig, H. G. Wells, Gide, Darwin, além de Humberto de Campos e José Lins do Rêgo, definidos como autores de vendagem certa que teriam quebrado a tradição das pequenas edições de romances, conforme depoimento de um responsável pela José Olympio, in "O que se lê no Brasil", inquérito publicado pelo *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1938, p. 401 e segs.

obras de Disney, Lee Falk, as novelas açucaradas de M. Delly, Bertha Ruck, as biografias edificantes de Maurois, Emil Ludwig, Paul Frischauer, as histórias de detetive de E. Wallace, Horler, Rohmer, os manuais de viver que difundiam as senhas norte-americanas em todos os domínios do estilo de vida, concentraram boa parcela dos investimentos editoriais numa conjuntura particularmente favorável à substituição de importações no mercado interno de bens simbólicos e, em especial, no campo editorial. Em meio às novas condições resultantes da crise de 1929 e, mais adiante, em virtude da impossibilidade de continuar importando livros portugueses e franceses com o início da Segunda Guerra Mundial, afrouxam-se os laços da dependência cultural. A nova correlação de forças no plano internacional ensejou mudanças de peso nas condições de dependência dos países periféricos que não se limitaram à troca da sede hegemônica, os Estados Unidos em lugar da Europa. A importação de bens culturais subsistiu mas com feições distintas do que ocorria na República Velha. Doravante, ao invés de venderem as edições originais de obras estrangeiras, os editores adquirem os direitos de tradução das obras, vale dizer, a produção destinada ao mercado interno acaba suplantando a produção estrangeira diretamente importada.

Conforme se depreende do quadro abaixo a quantidade de títulos novos e reedições nacionais foi sempre maior do que a de traduções apesar da mudança que se observa nessa relação sobretudo a partir de 1942 nas circunstâncias da guerra: para cada 2,5 livros de autores estrangeiros eram lançados em média 7,5 livros de autores nacionais. Embora se possa registrar um aumento na participação dos autores brasileiros no mercado do livro, não se pode afirmar que tenha havido uma autonomização no plano cultural seja em relação à Europa seja em relação aos Estados Unidos, uma vez que a produção nacional nesse período era insuficiente para cobrir a demanda relativa aos principais gêneros em ascensão, como por exemplo os manuais de viver, os policiais, os livros técnicos, etc., ou então, era bastante incipiente no caso dos romances femininos. Tais mudanças em relação ao mercado internacional acabaram provocando transformações importantes no plano interno, desmentindo hipóteses correntes acerca do imobilismo que permearia as relações de dependência no âmbito cultural. Assim, ao invés de subsistir a importação do produto acabado como ocorria na República Velha com os livros estrangeiros, os novos gêneros

QUADRO II — A PROPORÇÃO DE AUTORES NACIONAIS E DE AUTORES ESTRANGEIROS NA PRODUÇÃO DE LIVROS (1939-1943)

ANOS	Publicações novas nacionais	Reedições nacionais	% Autores nacionais (Total)	Publicações novas Diversos idiomas e traduções	Reedições Diversos idiomas e traduções	% Autores estrangeiros (Total)	Nacionais + estrangeiros (Total Geral)
1939	976	316	1292 (80%)	231	90	321 (20%)	1613
1940	940	359	1299 (77%)	280	99	379 (23%)	1678
1941	976	331	1307 (74%)	330	119	449 (26%)	1756
1942	774	308	1082 (69%)	392	88	480 (31%)	1562
1943	1063	417	1480 (70%)	514	109	623 (30%)	2105
Totais	4729	1731	6460 (74%)	1747	505	2252 (26%)	8714

* FONTE: "Anuário Brasileiro de Literatura" (1943-1944), n.ºs 7-8, Rio de Janeiro, Livraria Editora Zelio Valverde, 1944,* p. 476.

de origem norte-americana tornam-se objeto de adaptação por parte dos autores brasileiros.

O surto editorial dos anos 30 é marcado pelo estabelecimento de inúmeras editoras, por fusões e outros processos de incorporação que ocorrem no mercado editorial e, sobretudo, por um conjunto significativo de transformações que acabaram afetando a própria definição do trabalho intelectual: aquisição de rotativas para impressão, diversificação dos investimentos e programas editoriais, recrutamento de especialistas para os diferentes encargos de produção e acabamento, inovações mercadológicas nas estratégias de vendas — implantação do serviço de reembolso postal, contratação de representantes e viajantes, etc. —, mudanças na feição gráfica dos livros com o intento de ajustar o acabamento das edições às diferentes camadas do

público, e sobretudo, empenho das principais editoras em verticalizar o processo produtivo e diversificar suas atividades. As tarefas de composição e impressão se autonomizam das atividades a cargo das diversas seções de que se compõem o departamento editorial. Este, por sua vez, passa a abrigar setores especializados de revisão, tradução, ilustração, motivando a contratação de especialistas como por exemplo, consultores e leitores, paginadores, capistas e, também propiciando a formação de um pequeno grupo de escritores profissionais, os romancistas.

A situação do mercado do livro

A repartição da produção (em número de títulos publicados) segundo o porte das editoras era o seguinte (14): os pe-

(14) Os dados relativos à produção de livros são resultado de um levantamento junto ao *Anuário Brasileira de Literatura* nos anos 1939-1943. As diferenças entre os totais apurados pelo *Anuário Brasileiro de Literatura* e aqueles constantes do Quadro III, se devem à exclusão dos periódicos e de alguns poucos títulos que não se enquadravam em quaisquer das rubricas. Como pretendia obter a distribuição das obras por editora e não apenas por gênero tal como consta do resumo estatístico com que se encerra o movimento bibliográfico da fonte aqui utilizada, os títulos do registro bibliográfico anual foram compulsados e classificados segundo esses critérios. Preliminarmente, contudo, introduzi algumas modificações no sistema de classificação por gênero de que se valia o Anuário, seja pela fusão de gêneros que antes apareciam isolados (romances, novelas, lendas, contos, etc. = ficção), ou ao contrário, isolando gêneros que antes estavam agrupados (direito e ciências sociais, por exemplo).

O *Movimento Bibliográfico*, principal seção do Anuário, oferece as seguintes indicações para cada obra editada: autor, título da obra, número de volumes, de páginas, coleção, número e série da edição, preço, tamanho, formato, mês e ano do aparecimento, ilustrações, etc. Exemplo: *Prado Júnior* (Caio) — Formação do Brasil Contemporâneo. Colônia. (17/24). 389 p., 1 mapa, il. br. Cr\$ 40,00. (9/42). Foi a partir desse tipo de registro que os quadros foram construídos, obedecendo à discriminação por gênero, por editora, ao mesmo tempo em que se coligiam informações acerca do contingente de autores nacionais e estrangeiros, e a respeito dos tradutores, tiragens, coleções, etc. Os quadros foram montados para cada ano, efetuando-se em seguida o cômputo para o período 1938-1943. Embora estivessem disponíveis informações referentes aos anos de 1936 e 1937, decidi não incluí-los no cômputo global em virtude das lacunas observadas. Nesses anos, a seção em pauta se restringia a um balanço acerca das atividades desenvolvidas pelas principais editoras que dela se serviam para divulgar seus futuros lançamentos e reedições. Tratava-se, a rigor, de uma seleção de títulos de apelo comercial, que por vezes se fazia acompanhar

QUADRO III — A PRODUÇÃO DE LIVROS SEGUNDO O GÊNERO E AS EDITORAS (1938-1943)*

Empreendimentos no campo editorial	As 6 maiores editoras	Conjuntos das pequenas gráficas	Conjuntos das 6 editoras de grande porte	Conjuntos das 9 editoras de porte médio	Conjuntos das pequenas editoras	Conjuntos das editoras religiosas	Edições financiadas pela grande imprensa	Edições financiadas pelo Estado	Edições financiadas pelos autores	CONJUNTO
Gêneros	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
Ficção (n=1527)	23,0	9,7	20,0	17,0	20,0	11,0	11,0	1,3	3,5	17,0
Didáticos (n=1240)	22,0	8,5	11,5	16,0	5,7	5,0	4,5	3,5	4,6	14,0
Direito (n=829)	2,5	9,4	24,2	14,5	8,5	0,6	9,8	15,0	7,9	9,0
Variedades (n=735)	5,5	12,0	7,0	4,9	6,6	9,0	9,8	11,0	24,0	8,0
Infantis (n=557)	8,0	7,0	4,0	2,0	1,3	10,0	10,0	2,5	1,5	6,0
História (n=521)	7,0	5,0	2,7	6,6	6,0	1,3	4,5	14,0	7,0	5,6
Biografias (n=499)	5,5	5,5	5,8	6,5	5,0	2,8	6,0	5,0	4,0	5,5
Medicina (n=439)	2,5	8,7	2,2	8,0	6,0	0,4	7,6	3,8	7,0	5,0
Crítica e história lit. (n=405)	4,0	4,6	2,8	5,0	4,0	3,5	7,0	9,0	6,5	4,5
Poesia (n=382)	4,5	6,7	2,0	2,3	3,0	0,6	6,8	3,0	5,8	4,0
Obras religiosas (n=382)	1,5	2,4	0,5	1,7	4,2	52,5	1,5	0,7	2,9	4,0
Ciências sociais (n=323)	4,5	3,7	2,0	3,9	2,0	0,8	4,0	7,0	3,2	3,5
Política (n=319)	3,0	5,0	3,2	2,5	5,3	1,0	4,9	3,8	3,5	3,5
Obras militares (n=224)	0,5	2,5	5,5	2,0	2,0	—	4,9	11,0	6,0	2,5
Livros técnicos (n=165)	1,5	2,8	1,5	1,4	1,5	—	1,2	2,5	4,6	2,0
Filosofia (n=154)	1,2	1,4	2,0	2,0	7,2	0,5	0,9	0,3	0,7	1,5
Teatro (n=101)	0,2	1,6	0,9	0,5	6,8	—	1,9	2,5	1,4	1,0
Ciências naturais (n=91)	1,5	0,8	0,5	1,4	0,6	0,3	0,3	0,4	2,5	1,0
Pedagogia (n=88)	1,5	0,9	0,5	0,1	0,8	0,4	0,9	1,3	1,0	1,0
Psicologia (n=62)	0,6	0,6	0,3	0,6	2,5	0,3	0,7	0,4	0,7	0,6
Belas-Artes (n=46)	0,2	0,7	0,7	0,4	0,4	—	1,8	1,7	1,0	0,5
Matemática, estatística (n=33)	0,3	0,5	0,2	0,7	0,6	—	—	0,3	0,7	0,3
Total Geral (n=9.122)	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

* FONTE: "Anuário Brasileiro de Literatura", Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti e Livraria Editora Zelio Valverde, 1939, 1940, 1941, 1942/1943.

QUADRO IV — A PRODUÇÃO DAS 6 MAIORES EDITORAS SEGUNDO O GÊNERO (1938-1943)*

As 6 maiores editoras	Cia. Ed. Nacional/Civil, Brasileira (SP/RJ)	Editora Globo (Porto Alegre)	Editora José Olympio (Rio de Janeiro)	Editora Irmãos Pongetti (Rio de Jan.)	Editora Francisco Alves (RJ)	Editora Melhoramentos (SP)	Conjuntos das 6 maiores editoras
Gêneros	%	%	%	%	%	%	%
Ficção (n=748)	22,0	36,0	33,5	28,0	2,5	7,0	23,0
Didáticos (n=702)	26,0	11,0	1,5	4,0	65,0	28,0	22,0
Infantis (n=261)	5,0	8,9	0,5	5,2	4,0	38,0	8,0
História (n=218)	10,0	5,0	5,5	7,5	1,8	1,6	7,0
Biografias (n=181)	6,0	6,7	9,6	6,0	0,6	0,6	5,5
Variedades (n=172)	4,0	9,0	6,5	5,0	4,0	4,0	5,5
Poesia (n=141)	3,0	1,0	9,0	16,0	0,6	0,4	4,5
Ciências sociais (n=140)	5,0	3,2	6,0	5,7	1,8	1,3	4,5
Crít./hist. literária (n=132)	3,5	3,9	5,5	5,5	4,5	3,0	4,0
Política (n=95)	2,0	2,3	9,0	3,5	0,3	—	3,0
Direito (n=83)	2,9	4,0	1,0	3,1	2,8	—	2,5
Medicina (n=81)	2,0	2,3	1,5	1,0	3,0	7,5	2,5
Livros técnicos (n=48)	1,7	1,0	0,2	2,3	1,0	2,6	1,5
Pedagogia (n=48)	2,0	0,7	1,3	0,5	2,1	1,3	1,5
Ciências naturais (n=43)	1,0	1,6	1,7	1,8	0,9	1,3	1,5
Obras religiosas (n=43)	1,0	0,3	2,8	2,0	0,6	1,6	1,5
Filosofia (n=42)	1,6	0,7	1,5	1,5	1,2	0,4	1,2
Psicologia (n=22)	0,5	0,2	1,3	0,5	1,5	0,4	0,6
Obras militares (n=18)	0,2	1,6	—	0,5	1,5	—	0,5
Matemática, Estatística (n=9)	0,3	0,3	—	0,3	0,3	0,6	0,3
Teatro (n=6)	0,2	—	0,8	—	—	—	0,2
Belas-Artes (n=6)	0,1	0,3	0,4	—	—	0,4	0,2
Total Geral (n=3239)	100	100	100	100	100	100	100

* FONTE: "Anuário Brasileiro de Literatura", Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti e Livraria Editora Zelio Valverde, 1939, 1940, 1941, 1942/1943.

quenos empreendimentos gráficos, as edições avulsas de tipografias, mais as edições patrocinadas pelos próprios autores e aquelas sem indicação de editor, detêm 24% do mercado; as editoras menores cujo programa de lançamentos varia entre 21 e 60 títulos⁽¹⁵⁾ cobrem apenas 5% do mercado; os nove empreendimentos editoriais de porte médio (Alba, Panamericana, Jacinto, Antunes, Guanabara, Coelho Branco, Briguiet, Getúlio Costa, Martins)⁽¹⁶⁾ cujo programa de lançamentos oscila entre 61 e 150 títulos, têm 11% do mercado; as seis editoras de grande porte (Saraiva, Empresa Editora Brasileira, Vecchi, Freitas Bastos, Zélio Valverde e Edições/Publicações Brasil)⁽¹⁷⁾,

por um 'fac-símile' da capa e de informações sucintas a respeito do conteúdo e relevância da obra. Por conseguinte, o marco divisorio era a própria editora e a seção consistia numa sequência de listas que, ao que tudo leva a crer, eram organizadas sob a forma de anúncios pagos pela editora interessada. Exemplo de um lançamento característico da seção em 1936: "A Vida Começa aos Quarenta — de Walter B. Pitkin. Este livro, que nos oferece uma nova e amável filosofia de vida, causou vertiginoso sucesso nos Estados Unidos, onde as edições se sucederam. Quanto ao êxito aqui alcançado, basta dizer que no mesmo ano, com espaço de poucos meses, fizeram-se duas edições da tradução brasileira", in *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti Eds., 1937, "Movimento Bibliográfico de 1936", pp. 306/307. Somente a partir de 1938, o registro dos lançamentos passou a obedecer à classificação por gêneros, seguindo à risca e uniformemente certos padrões de documentação bibliográfica.

(15) Incluem-se nesses grupos alguns editores que atendem um público cativo: a editora Athena, especializada na difusão dos "clássicos" em literatura e filosofia; a editorial Calvino que se dedicava à publicação de obras políticas de esquerda e dos "clássicos" do marxismo; a Jackson cuja fórmula *obras completas* privilegia uns poucos autores brasileiros de ficção que aliam o reconhecimento da crítica à continuidade do prestígio junto aos leitores; a Papelaria Coelho que só publicava praticamente obras de teatro, bem como outros editores especializados em obras médicas e jurídicas (Cultura moderna, Livraria Científica, etc.). Também fazem parte desse grupo alguns livreiros cujas atividades editoriais iam a reboque de seus interesses enquanto importadores de livros estrangeiros.

(16) Este grupo comporta algumas editoras de fundação recente, como por exemplo a Martins cujas atividades editoriais começam em 1940, ao lado de editoras tradicionais, como por exemplo a Briguiet-Garnier, a Antunes, cuja presença no ramo se deve tanto às suas iniciativas propriamente editoriais como aos negócios que mantêm enquanto "experts" na importação de livros franceses e portugueses.

(17) As editoras deste grupo devem suas posições seja à concentração de recursos em áreas especializadas — é o caso da Freitas Bastos, da Saraiva e, em menor medida, das Edições e Publicações Brasil, em relação às obras jurídicas — seja aos lançamentos de edi-

cujo programa de lançamentos oscila entre 151 e 250 obras, cobrem 13% do mercado; as seis maiores editoras independentes concentram 36% dos lançamentos, sendo que apenas as três primeiras detêm a parcela de 25% do mercado, que se distribuem entre os 14% da Companhia Editora Nacional/Civilização Brasileira, os 6% da Editora Globo e os 5% da Editora José Olympio. Por fim, as edições financiadas por entidades religiosas, as publicações de iniciativa oficial e aquelas patrocinadas por órgãos da grande imprensa, correspondem a 11% do mercado. Esta segmentação deriva, em parte, das inúmeras iniciativas nessa área que são relativamente infensas aos vereditos do mercado, seja no caso daquelas obras financiadas pelos próprios autores seja no caso das edições que dispõem de algum tipo de cobertura institucional. De qualquer modo, ao longo dos anos trinta, ainda não se pode falar em diferenciação funcional entre instâncias de produção, difusão e legitimação.

Os percentuais do Quadro III que correspondem às iniciativas editoriais dispondo de algum tipo de chancela oficial não dão conta da presença efetiva do Estado, das instituições religiosas e dos grandes órgãos de imprensa, no mercado do livro. Talvez se possa atribuir esse resultado a um viés da fonte aqui utilizada que só dispunha de informações mais completas e confiáveis em relação às editoras particulares⁽¹⁸⁾. Tendo em vista seu caráter de instrumento de propaganda e difusão comercial a serviço das editoras particulares, é bastante provável que uma parcela considerável das publicações financiadas pelo Estado, pelos grandes órgãos de imprensa, por outras instituições externas ao campo intelectual como por exemplo as enti-

ções populares de obras de ficção estrangeiras, em geral de escritores de ampla aceitação junto ao público leitor, como nos casos da Empresa Editora Brasileira e da Editora Vecchi.

(18) O *Anuário Brasileiro de Literatura* foi fundado pelos Irmãos Pongetti e depois passou às mãos da Livraria Editora Zélio Valverde. Além do *Movimento Bibliográfico*, continha balanços críticos a respeito dos lançamentos anuais nos diversos gêneros, uma resenha da vida literária internacional, um panorama da vida intelectual nos Estados, matérias e entrevistas com editores, uma lista de endereços de intelectuais e escritores do Rio de Janeiro e dos Estados, pequenos contos e novelas, poemas, anúncios de lançamentos, reedições, novas coleções, artigos sobre a vida literária, resenhas, etc. O veículo centralizava informações a respeito dos editores particulares que eram os principais interessados nesse trabalho de divulgação e praticamente os únicos anunciantes.

dades religiosas⁽¹⁹⁾, e pelas editoras sediadas em Estados relativamente marginais ao eixo dominante (Rio-São Paulo) do mercado de bens culturais, não tenha sido contabilizada, ou então, tenha sido subestimada. Não obstante, as indicações disponíveis sugerem a medida relativamente ampla em que sucedia a ingerência de instâncias políticas que devem parte de seu poder e influência à presença enquanto empresários no âmbito da produção cultural. Por outro lado, a existência de uma quantidade considerável de pequenos produtores operando com base em encomendas que lhes fazem certas instituições ou atendendo às demandas de um público diminuto que não comporta tiragens em escala comercial, ou então, de autores que arcam eles mesmos com as despesas de impressão e difusão de suas obras, constituem indicadores seguros dos obstáculos que ainda dificultavam a comercialização do livro e a diferenciação do mercado em questão.

As desigualdades regionais e o mercado editorial

As instâncias de produção de bens culturais tendem a se concentrar fortemente na região centro-sul: em 1937, os Estados de Minas Gerais, São Paulo e a então capital do país (Rio de Janeiro) detêm 59% das gráficas, sendo que o Estado de São Paulo dispõe sozinho de 32%. Pode-se observar uma tendência semelhante no setor editorial, sendo que três Estados (São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul) reúnem 61% das editoras. Seis em cada dez livros editados no país em 1929 provinham da capital federal, dois de São Paulo e um do Rio Grande do Sul. No tocante às tiragens, o Distrito Federal, os Estados de São Paulo e do Rio Grande do Sul, detêm 94% do total de exemplares. O conjunto das editoras publicava aproximadamente 4.500.000 exemplares em 1929, quantidade que menos de dez anos depois (1937) corresponde apenas à produção das 3 maiores editoras⁽²⁰⁾. Tal crescimento se fez acompanhar por modificações importantes na repartição das obras segundo a tiragem: a quantidade de obras com tiragens supe-

(19) Ademais, no caso das edições financiadas por entidades religiosas, por exemplo, somente foram computadas aquelas obras sobre cuja filiação confessional não restava a menor dúvida, deixando-se de lado os títulos publicados por um selo editorial aparentemente leigo e a respeito do qual não se dispunha de outros critérios de qualificação.

(20) Ver *Anuário Estatístico do Brasil*, Ano V, 1939/1940, IBGE/Conselho Nacional de Estatística, pp. 1.124/1.126.

riores a 5.000 exemplares (bem como aquelas com tiragens variando entre 2.000 e 5.000 exemplares) aumentou sensivelmente em relação a 1929. Nesse ano, o número de obras com tiragens restritas (menos de 500 exemplares) cobria 54% do conjunto das obras editadas, ao passo que as obras com tiragens superiores a 5.000 exemplares representavam apenas 21% do conjunto de livros publicados⁽²¹⁾. Em 1937, as editoras de porte médio oscilam entre 50.000 e 100.000 exemplares anuais: a Athena Editora alcançou uma tiragem de cerca de 70.000 volumes, a Cia. Brasil Editora atingiu o escore de 68.000 volumes, ao passo que uma pequena editora, a Casa Mandarino, alcançou no mesmo ano uma tiragem global de 30.000 exemplares. A Livraria Brigueit-Garnier, situada no grupo das grandes, chegou aos 60.000 exemplares sem contar a edição de livros escolares. Por sua vez, a Livraria Francisco Alves, especializada em livros didáticos, atingiu o montante de 1.500.000 exemplares, superando a marca de toda a produção paulista em 1929, enquanto que os Irmãos Pongetti, cujo departamento editorial só começou a funcionar em 1935, alcançou nesse mesmo ano a tiragem de 400.000 exemplares⁽²²⁾.

Houve, portanto, uma extensão significativa dos circuitos de comercialização do livro no correr dos anos 30 e, em consequência, uma diminuição do número de obras financiadas pelos próprios autores ou por instituições dotadas de redes próprias de distribuição (o Estado, a Igreja, os grandes órgãos de imprensa, etc.).

A hierarquia dos gêneros e as transformações do público

Dentre todos os gêneros editados de 1938 a 1943, a literatura de ficção ocupa o primeiro posto em virtude dos elevados índices de venda que alcançam os chamados gêneros 'menores', isto é, os romances das coleções 'menina-moça', os policiais e os livros de aventuras, aos quais se pode acrescentar as biografias romanceadas, gênero que detém a sétima posição no "ranking", e mais uma parcela das obras infantis⁽²³⁾. Quando se

(21) Dados extraídos de *Estatística Intelectual do Brasil*, 1930, p. 41.

(22) Ver *Anuário Brasileiro de Literatura*, Irmãos Pongetti Editores, Rio de Janeiro, 1938, pp. 401 e segs.

(23) "Há duas camadas: a dos que só lêem romances policiais e a dos que lêem tudo, inclusive os romances policiais. A influência embrutecedora da novela policial na nossa adolescência, ainda não foi devidamente encarada pelas nossas autoridades e pelos nossos profes-

considera o conjunto dos gêneros literários (ensaios, crítica, história literária, poesia, teatro, etc.), a produção nessa área chega a cobrir 38% dos títulos.

Um terço dos romances — 52 títulos dentre 156 títulos publicados em 1942, sendo 62% de traduções e 38% de obras de autores nacionais — foi veiculado pelas diversas coleções endereçadas ao público feminino (*Biblioteca das Moças*, da Companhia Editora Nacional, *Menina e Moça*, da José Olympio, *Biblioteca das Senhorinhas*, da Empresa Editora Brasileira, *Romance para Moças*, da Anchieta) ⁽²⁴⁾.

sores (...) Ela é nefasta porque toma o lugar das obras verdadeiramente construtivas, daquelas que realmente concorrem para a formação do espírito. A novela policial atrasa a nossa cultura (...) O público, a massa, prefere a literatura de ficção, que distrai sem fazer pensar (...) Diz um dos nossos mais eminentes críticos, que este interesse vem da 'necessidade de sonho, a premência de distrair a mente na oscilação igual da vida quotidiana, a procura daquilo que eles não vivem, aquilo que está além dos limites das suas existências pacíficas e metodizadas',", são trechos das declarações prestadas por Galeão Coutinho, romancista e proprietário das Edições Cultura Brasileira (São Paulo) e por um dos dirigentes da Companhia Editora Nacional (São Paulo), ao inquérito "O que se lê no Brasil", *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti Editores, 1938, p. 407.

As lamúrias dos editores em face do "mau gosto" que revelam as preferências dos leitores pelos gêneros "vulgares" juntam-se as reivindicações quanto ao suprimento de papel. Na época, o governo buscava proteger a produção interna embora ainda fosse quase total a dependência em relação à matéria-prima importada. A grande maioria dos editores entrevistados é unânime em apontar a falta de qualidade do papel produzido no país: "(...) se ressentem de uma calandragem incerta, desigual na metragem, no peso; e escuro; absolutamente heterogêneo e relativamente caro, em vista das franquias de que goza com a proteção oficial", *op. cit.*, p. 405. Entretanto, se é idêntico o diagnóstico que expressam, as soluções propostas obedecem a interesses distintos. Enquanto diversos editores insistem quanto à necessidade de se proceder à nacionalização da indústria do papel, louvando a crescente ingerência do governo no setor, outros, em especial aqueles cuja parcela decisiva de lucros continua dependente dos negócios de importação, lançam mãos dos mesmos argumentos para justificar a necessidade da concorrência estrangeira, "como um incentivo para a nossa indústria", *op. cit.*, pp. 401/408.

(24) O prolongamento da escolaridade feminina, a feminização de inúmeras carreiras e ocupações na divisão do trabalho pedagógico, entre outras razões, devem ter contribuído para a ampliação do público a que se endereçava a literatura de ficção. Consultar o trabalho clássico de Ian Watt, *The rise of the novel (studies in Defoe, Richardson and Fielding)*, Londres, Penguin, 1966, sobretudo o capítulo inicial, intitulado "The reading public and the rise of the novel", pp. 36/61.

Os outros romances publicados nesse mesmo ano eram, em sua maioria, obras de clássicos europeus, antigos e modernos (Cervantes, Goethe, Stendhal, Gautier, Flaubert, Dickens, Tolstoi, Dostoiévski, Voltaire, Thomas Mann, Gide, etc.), de romancistas norte-americanos em vias de consagração (Steinbeck, Sinclair Lewis, Hemingway, etc.), ou então, *best-sellers* (Stefan Zweig, Somerset Maugham, Margaret Kennedy, etc.) dentre os quais inúmeros livros de autores com êxito assegurado desde a República Velha (Perez Escrich, Anatole France, Dumas, etc.). Tais obras eram publicadas em coleções que se firmavam às custas de uma dosagem equilibrada de autores consagrados com escritores de grande público. Quanto aos romances de autores nacionais, a maior parte dos títulos se enquadrava nos moldes do romance social, os autores "relegados" pela crítica (Fran Martins, Cecílio Carneiro, etc.) junto às figuras em vias de consagração (Graciliano Ramos, Lucio Cardoso, Cyro dos Anjos, etc.). (Havia ainda alguns títulos, cinco ou seis, publicados em língua estrangeira).

Sem dúvida, a extensão do contingente de leitores exerceu influência sobre os gêneros que acabaram se firmando de um ponto de vista estritamente comercial. O primeiro posto da literatura de ficção e, nessa categoria, a predominância dos romances de amor, de histórias policiais e de livros de aventuras, deve-se em ampla medida à expansão da parcela do público de leitores recrutada nas novas camadas médias que redundou no aumento da demanda por obras de mero entretenimento. Esse novo público se constituiu por força das mudanças ocorridas na hierarquia de ocupações do setor terciário dos principais centros urbanos, mormente em virtude do aumento dos postos técnicos e de gestão nos setores público e privado e da expansão considerável do número de portadores de diplomas superiores na área das profissões liberais. Desta maneira, o volume significativo das obras de ficção, dos manuais de viver, de livros de conselhos para o "lar", para "vencer na vida", para "emagrecer", de livros infantis, etc., comprova a existência de um público de leitores cujas preferências e escolhas em matéria de leitura são relativamente independentes dos juízos externados pelos detentores da autoridade intelectual.

As transformações do panorama editorial se devem, de outro lado, às mudanças por que passava o sistema de ensino. A abertura das primeiras faculdades de educação, de filosofia,

ciências e letras, a criação de novos cursos superiores, a reforma dos currículos com a introdução de novas disciplinas, os impulsos que recebeu o ensino técnico e profissionalizante, decerto moldaram o ritmo e as feições que assumiu o surto editorial ⁽²⁵⁾. A farta produção de obras pedagógicas acompanhou de perto os lances do enfrentamento entre as diversas correntes de educadores profissionais que buscavam firmar suas posições diante das reformas empreendidas pelo Estado.

A área de "humanidades", incluindo as rubricas *direito, filosofia, ciências sociais, história, política, psicologia, educação, matemática e estatística e belas-artes*, representa apenas 14% dos títulos; as obras constantes das rubricas *ciências físicas e naturais, medicina, livros técnicos*, correspondem a 8% dos títulos; as obras *religiosas e militares* representam 7%, cabendo outros 7% aos *manuals de viver*.

Observa-se também um aumento significativo das tiragens nos gêneros eruditos cujo consumo prende-se diretamente à expansão das instituições de ensino superior nas áreas das ciências sociais e da educação. Ao invés de serem traduções dos clássicos ou de monografias conhecidas, os títulos em ciências sociais são, via de regra, ensaios, depoimentos e relatos jornalísticos que marcaram o debate político a respeito dos contornos que deveria assumir a nova organização do Estado em face da experiência que os regimes autoritários europeus estavam enfrentando; em direito, a maioria das obras, suscitadas pela intervenção crescente do Estado na área das "questões sociais", lidava com as reformas institucionais em curso envolvendo os instrumentos de controle da classe operária, a previdência social, a justiça do trabalho, etc.

Perfil de investimentos dos editores nos diferentes gêneros

A poesia, a crítica e a história literárias, são os gêneros mais publicados pelas pequenas editoras ou pelos próprios autores, ao passo que os livros didáticos e as obras de ficção são os gêneros que propiciam os maiores índices de lucratividade e que por isso mesmo favorecem, ao menos indiretamente, a concentração de recursos no campo editorial. A meio cami-

(25) A respeito das mudanças ocorridas no sistema de ensino que repercutiram mais diretamente sobre o perfil do mercado do livro, consultar as obras já citadas de Jorge Naggle, Leonor Maria Tanuri, Fernando de Azevedo, entre outros.

nho entre os volumes de poesia e os romances, a publicação de obras de medicina e direito assegura a sobrevivência de editoras de porte médio, altamente especializadas.

As três maiores editoras — pela ordem, Companhia Editora Nacional/Civilização Brasileira, Editora Globo e Livraria José Olympio Editora — constituem os principais investidores na publicação de obras de ficção, nacionais e estrangeiras, embora cada uma delas aplique seus recursos segundo estratégias distintas. A Companhia Editora Nacional concentra seus investimentos na produção dos gêneros de maior rentabilidade no mercado (a saber, ficção e didáticos), enquanto a editora Globo, não podendo contar com um público especializado de leitores fiéis, se empenha em repartir seus investimentos entre diversos gêneros (a saber, livros infantis, manuais de viver, livros didáticos, etc.) com taxas de lucro bastante desiguais, buscando assim compensar sua relativa distância geográfica dos principais centros internos de produção cultural. O terceiro posto da editora José Olympio se deve, de um lado, aos investimentos seguros no gênero mais rentável (romances) e, de outro, à sua proximidade das instituições que detinham o poder intelectual (Academia Brasileira de Letras) e o poder político: inúmeros escritores pertencentes à "casa" ocupavam postos de relevo nos conselhos, institutos e outras instâncias decisórias do governo central ⁽²⁶⁾. As posições das editoras Melhoramentos, Francisco Alves e Freitas Bastos, resultaram de sua especialização, respectivamente, nas áreas do livro infantil, das obras didáticas e das obras jurídicas. Aliás, como já foi observado, o direito e a medicina constituem domínios reservados às editoras especializadas, como por exemplo a Coelho Branco, Edições Publicações Brasil, Saraiva, Jacinto e Guanabara.

Os editores cuja posição no mercado de livros dependia da venda de obras de ficção são aqueles que acolhem os maio-

(26) O plantel da José Olympio abrange tanto o grupo de intelectuais orgânicos do regime, recém-cooptados pelo governo central (Azevedo Amaral, Alceu Amoroso Lima, Pontes de Miranda, Oliveira Vianna, Octavio Tarquinio de Souza), como as figuras de maior prestígio literário da leva de romancistas (Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, Rachel de Queiroz, Octavio de Faria, Cyro dos Anjos, Lúcio Cardoso, João Alphonsus), sem esquecer toda uma categoria de escritores que obtinham a chancela da casa pelo fato de pertencerem aos anéis burocráticos em operação junto aos aparelhos do Estado. Não custa lembrar que os discursos e escritos de Getúlio Vargas, sob o título *A Nova Política do Brasil*, foram publicados por essa mesma editora.

res contingentes de autores estrangeiros⁽²⁷⁾; por sua vez, os editores que se arriscam sobretudo em gêneros que atendem às demandas do sistema de ensino (obras didáticas e jurídicas), dão preferência às obras de autores nacionais⁽²⁸⁾. Assim como a sustentação comercial dos primeiros repousa basicamente nos vendidos que se fazem sentir diretamente ao nível do mercado, as editoras especializadas se vêem instadas a negociar a aceitação das obras que publicam junto às diversas categorias do corpo docente e aos demais especialistas que passam a operar como intermediários na difusão das obras destinadas ao trabalho pedagógico. Deste ângulo, a produção e o consumo dessas obras destinadas aos diversos segmentos do público escolar são reguladas, em medida significativa, pelos critérios de legitimidade invocados por grupos de agentes cujos interesses em pre-

(27) Vale a pena chamar atenção para o modelo de legitimidade cultural que norteia o programa de publicações das principais editoras do período em questão. Tendo que satisfazer as demandas objetivas do público da época e, ao mesmo tempo, veicular a produção crescente das novas categorias de produtores — pensadores políticos, sociólogos, antropólogos, historiadores, folcloristas, educadores — que estavam a frente do processo de diferenciação do campo intelectual, as grandes editoras repartem seus lançamentos entre dois tipos de coleção: as coleções destinadas exclusivamente a difundir os diversos gêneros ficcionais, desde as traduções dos clássicos até as obras de literatura policial, e as coleções de estudos brasileiros, sendo que essa repartição dependia da diversificação a que chegavam os investimentos dos editores e, sobretudo, da autoridade intelectual e do poder de consagração de que dispunham. Enquanto a José Olympio dispõe da coleção *Documentos Brasileiros* ao lado das coleções *Fogos Cruzados*, *Menina e Moça*, *O Romance para Você*, a Companhia Editora Nacional desenvolve a coleção *Brasiliana* junto com as coleções *Paratodos*, *Terramarear*, *Negra*, *Biblioteca das Moças*, e a Martins a *Biblioteca Histórica Brasileira* ao lado da coleção *Excelsior*.

(28) Em 1942, por exemplo, a Francisco Alves, primeiro posto em livros didáticos, editou aproximadamente apenas uma tradução para cada dez livros de autores nacionais, a Melhoramentos editou duas traduções para cada doze livros de autores nacionais, proporção que se deve confrontar aos índices das editoras dependentes de obras de ficção. Nesse mesmo ano, o volume de traduções editadas pela Cia. Editora Nacional igualou o de obras de autor nacional; a Globo lançou 44 traduções e apenas 24 obras de autor nacional. Em 1943, a Freitas Bastos publicou apenas uma tradução, a Saraiva apenas duas, enquanto a Martins e a Pongetti se encontravam na mesma situação da Cia. Editora Nacional, o mesmo ocorrendo em menor medida com a José Olympio (43 traduções e 38 nacionais) e a Globo (41 traduções e 27 nacionais), até chegar ao extremo da Editora Vecchi, uma das mais dependentes da venda de obras de ficção, que imprimia tão somente um livro de autor nacional para cada lote de onze traduções.

servar as posições de que desfrutavam exigem a manutenção de uma reserva de mercado para as obras que produzem, e a comercialização da autoridade intelectual de que se revestem os juízos que externam.

Os cronistas da "Casa Assassinada"⁽²⁹⁾

"Eu era ainda muito novo para compreender que a fazenda lhe pertencia. Notava diferenças entre os indivíduos que se sentavam nas redes e os que se acocoravam no alpendre. O gibão de meu pai tinha diversos enfeites; no de Amaro havia numerosos buracos e remendos (...) Os caboclos se estazavam, suavam, prendiam arame farpado nas estacas. Meu pai vigiava-os, exigia que se mexessem desta ou daquela forma, e nunca estava satisfeito, reprovava tudo, com insultos e desconchavos (...) Meu pai era terrivelmente poderoso, e essencialmente poderoso. Não me ocorria que o poder estivesse fora dele, de repente o abandonasse, deixando-o fraco e normal, um gibão roto sobre a camisa curta (...) Hoje acho naturais as violências que o cegavam. Se estivesse em baixo, livre de ambições, ou em cima, na prosperidade, eu e o moleque José teríamos vivido em sossego. Mas no meio, receando cair, avançando a custo, perseguido pelo verão, arruinado pela epizootia, indeciso, obediente ao chefe político, à justiça e ao fisco, precisava desabafar (...) Temia vantagens, desconfiava dos lucros rápidos e fáceis, que exigiam capital e coragem — e após o desastre na fazenda (...) tornara-se precavido em excesso. Realmente era ambicioso, mas a sua ambição voava curto (...) Tomava todas as precauções, estudava o freguês pelo direito e pelo avesso, duplicava o preço da mercadoria, e se a fatura se elevava um pouco, suava numa angústia verdadeira. Findos os noventa dias de prazo, esfolava o devedor com juro de dois por cento ao mês. (...) continuava na faina de subir, nivelar-se aos parentes enraizados na lavoura." (Graciliano Ramos, *Infância*, Rio de Janeiro, José Olympio, 3.^a ed., 1953, pp. 28, 153, 165).

(29) Subtítulo inspirado no romance de Lúcio Cardoso, *Crônica da Casa Assassinada*, cujo tema central é o relato das taras e perversões a que se vê condenada uma antiga família dirigente cujos herdeiros perderam quaisquer esperanças de recuperar o antigo prestígio familiar.

De maneira geral, nem os escritores da geração de 1870 (exceto alguns casos como José de Alencar e Bernardo Guimarães, cujos romances alcançaram expressivo êxito comercial) que forneceu os modelos de excelência nos diferentes gêneros literários (inclusive Machado de Assis, no caso do romance), nem os anatolianos que eram sobretudo polígrafos profissionais, nem mesmo os modernistas, consideravam o romance como um gênero digno de amplos investimentos. Os casos excepcionais de Machado de Assis e Lima Barreto, romancistas negros que tiveram acesso à classe dominante em condições extremamente singulares, se devem muito mais a razões de ordem sociológica do que aos padrões de legitimidade então vigentes no campo literário. Embora o alvo preferido dos ataques modernistas fosse o tipo de poesia praticado pelos parnasianos, decadentistas e outros círculos simbolistas, os escritores modernistas de São Paulo e Minas nunca conseguiram se desvincular inteiramente das normas intelectuais vigentes nos anos 20 segundo as quais a poesia era tida como o gênero social e intelectualmente mais rentável⁽³⁰⁾.

Não é de estranhar, portanto, que a "carreira" de romancista tenha se configurado plenamente nos anos 30 num momento em que o desenvolvimento do mercado do livro se alicerçava na literatura de ficção, então o gênero de maior aceitação e de comercialização mais segura. Os escritores que então investiram nesse gênero desde o começo de suas carreiras eram, em sua maioria, letrados da província que estavam afastados dos centros da vida intelectual e literária, autodidatas fundamentalmente marcados pelas novas formas narrativas e em voga no mercado internacional e que não dispunham dos recursos e meios técnicos a essa altura necessários aos que tivessem pretensões de sobressair na prática dos gêneros de maior prestígio da época (poesia e crítica literária).

Num período de intensa concorrência ideológica e intelectual entre diversas organizações políticas (integralismo, Igreja, forças de esquerda), o romance converteu-se em móvel importante da luta em torno da imposição de uma interpretação do mundo social a um público emergente: os grupos de esquerda classificavam as obras dos romancistas identificados com a Igreja

(30) A maioria dos escritores modernistas produziu poesia ao longo dos anos 20, e os poucos que tentaram o romance só se lançaram nesse gênero muito mais tarde aproveitando-se do clima favorável provocado pelo êxito do romance social.

de romances "introspectivos" ou "psicológicos", os críticos de direita ou de tendências espiritualistas rotulavam as obras dos militantes de esquerda de romances políticos em sentido pejorativo, ou seja, como obras de propaganda e proselitismo.

As características sociais dos romancistas

Acaso se estabeleça um balanço a respeito da condição social que caracteriza alguns dos personagens-chaves dos romances da década de trinta, poder-se-á verificar que muitos deles condensam, no espaço ficcional, a ambigüidade da trajetória de seus autores e realizam negativamente a experiência de vida desses autores. Tanto Belmiro Borba, o bacharel Carlos Melo, como João Valério e Luís da Silva, realizam as diversas potencialidades objetivas das quais seus próprios autores conseguiram se livrar⁽³¹⁾. Pertencendo quase sempre a famílias de proprietários rurais que se arruinaram, os romancistas e seus heróis não têm outra possibilidade senão a de sobreviverem às custas de empregos no serviço público, na imprensa, e demais ofícios que se "prestam às divagações do espírito". Dessa posição em falso entre dois mundos, os heróis desses romances extraem a matéria-prima de que se nutrem suas veleidades literárias, quase sempre exteriorizadas seja sob a forma de diários mantidos em segredo, seja sob a forma de escritos encomendados por jornais e políticos venais. No limite, se viram expropriados inclusive de sua identidade social: Luís da Silva era filho de Camilo Pereira da Silva e neto de Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, como se o encolhimento dos sobrenomes evidenciasse o descenso do portador na hierarquia social. Esses "romances de antiquário", segundo a expressão cunhada por Mário de Andrade para dar conta das obras de Cornélio Pena, relatam a trajetória de grupos sociais que moldaram a visão de mundo dos cronistas da "casa assassinada".

(31) Belmiro Borba, pequeno funcionário público, é o personagem central do romance de Cyro dos Anjos, *O Amanuense Belmiro* (1937), que busca compensar a mesmice de sua situação profissional e aliviar o convívio com as irmãs neuróticas através de um diário onde registra suas veleidades literárias; bacharel Carlos de Melo, personagem do romance de José Lins do Rêgo, *Banguê* (1934), é o neto de um senhor de engenho decadente que, em meio a uma conjuntura adversa, não consegue preservar as terras da família; João Valério é o guarda-livros de *Caetés* (1933), de Graciliano Ramos, também às voltas com suas pretensões de literato, situação semelhante àquela vivida pelo funcionário interiorano Luís da Silva, outra criação de Graciliano Ramos no romance *Angústia* (1936).

É curioso observar, no entanto, que esses escritores, os mais visados em princípio por tais injunções, tiveram a oportunidade de objetivar sua experiência do mundo social através do trabalho literário, ao passo que outros intelectuais da mesma geração levaram às últimas conseqüências o destino de classe que sua condição de 'parentes pobres' lhes reservara. Quais seriam, pois, os fatores capazes de explicar, mediados sobretudo pelas disposições culturais que foram adquirindo desde a primeira infância, o fato de estarem em condições de produzir uma reconstrução do mundo social — no caso, o romance — que se pautava por exigências mínimas de objetividade de que estavam dispensados outros gêneros literários?

Seria descabido atribuir o surto do romance social à força do 'talento' e da 'vocação' artística de produtores que começaram por vezes a escrever nos tempos de folga que suas atividades dominantes lhes propiciavam, ou então, que escreviam praticamente sob o regime de encomendas a que os sujeitavam as grandes editoras. Também não parece convincente explicar essas obras invocando a tomada de consciência da situação 'nacional' por parte de escritores cujas obras de estréia eram, em ampla medida, uma transposição literária de sua experiência pessoal. Ademais, seria inviável dar conta do novo gênero apenas em função dos padrões de fatura então em voga na metrópole, ainda que muitos dos futuros romancistas se tivessem familiarizado com a produção cultural difundida pelos Estados Unidos. As histórias em quadrinhos, os romances lacrimogêneos, o cinema, os romances policiais, exerceram influência tanto no que diz respeito à eleição de determinados temas ou de certos pontos de vista como no tocante aos procedimentos narrativos e às inovações formais de que se valiam os romancistas norte-americanos (Dreiser, John dos Passos, etc.).

Sem querer minimizar as determinações inescapáveis da dependência cultural às quais nenhuma categoria de intelectuais periféricos consegue furtar-se — e que se revelam através da importação de autores, de escolas de pensamento, de modelos de explicação, de paradigmas estéticos, e de uma série de técnicas de composição e estruturação do discurso literário —, convém salientar as condições sociais que contribuíram decisivamente para as estratégias de reconversão a que recorreram os romancistas e que lhes permitiram se apropriar simbolicamente do mundo social em que se viram colocados à margem da classe dirigente.

Salientaria aquelas características sociais que, em outras conjunturas do campo intelectual, teriam decerto bloqueado o acesso à condição de escritor profissional. Com exceção de Octávio de Faria e José Geraldo Vieira, originários de famílias cultas da burguesia carioca⁽³²⁾ e cuja estréia no gênero é bastante tardia, os demais escritores que se consagraram como romancistas não provinham dos grandes centros urbanos. Muitos deles seguiram uma trajetória escolar extremamente precária segundo os padrões da época, outros nem mesmo chegaram a frequentar uma faculdade, embora buscassem compensar tal carência por uma formação de autodidatas que, em geral, constitui o trunfo dos pequenos produtores intelectuais destituídos de quaisquer chances de obter uma competência cultural através do sistema escolar. E o autodidatismo se revelou tanto mais importante quanto mais distante o futuro romancista se encontrava em relação aos principais centros de produção cultural interna.

A maioria dos romancistas começou a produzir numa situação de relativa independência em face de demandas políticas, tendo firmado sua posição no campo intelectual com base nas sanções positivas (vendas, tiragens, prêmios, etc.) que recebiam das editoras e do público leitor. Mesmo aqueles escritores que se filiaram abertamente a um determinado credo político — Jorge Amado, Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz foram, durante certo período, militantes em organizações de esquerda, Octávio de Faria, Cornelio Penna e Lucio Cardoso pertenciam de algum modo à "intelligentzia" católica, sendo que todos eles procuraram justificar suas obras em função de suas tomadas de posição ideológicas — só puderam conservar suas posições no mercado graças à boa acolhida do público e da crítica e não meramente como resultado de sua atuação política ou de momentâneas sintonias doutrinárias.

Tem-se por vezes a impressão de que constituiriam o paradigma dos intelectuais do período na medida em que, na determinação complexa de suas trajetórias, se superpõem aquelas propriedades — positivas e negativas — que em outras categorias aparecem de maneira dispersa. Além de terem nascido em

(32) Ver o perfil biográfico de ambos in Renard Perez, *Escritores ...*, 1.ª série, ed. cit., pp. 235/241 e 307/309, bem como as referências a respeito de Octávio de Faria contidas em depoimentos e memórias de Alceu Amoroso Lima, e na biografia de Afrânio Peixoto já citada.

famílias às voltas com um estado adiantado de falência material, tiveram ainda que enfrentar situações extremamente penosas que bloqueavam as possibilidades de herdar a posição social dos pais. Mesmo quando não eram órfãos nem filhos de pais separados, foram os caçulas de famílias extensas, ou melhor, os 'temporões' segundo uma terminologia de parentesco que encobre o mal-estar que sua existência provoca no espaço familiar. Tais situações de relegação punham fora de seu alcance os investimentos com que são brindados os primogênitos e os ocupantes das demais posições privilegiadas no espaço da fratria e da linhagem. Todas essas determinações surtiram seus efeitos mais brutais em conjunturas marcadas por um processo de intensa feminização, afastando-os de vez dos espaços da classe dirigente em que poderiam acionar o capital de relações sociais em favor de carreiras objetivamente definidas como masculinas, tanto aquelas cujo trabalho consiste em alguma forma de assessoria técnica aos proprietários — Engenharia, Medicina, Direito — como aquelas incumbidas do trabalho de representação política dos grupos dominantes.

Se no caso de Lima Barreto, a experiência social decisiva que permeia sua produção literária residiu na convergência de dois movimentos opostos — a saber, a familiarização com o universo de valores da classe dirigente através da educação singular que recebeu e a continuidade dos laços com sua classe de origem — no caso dos romancistas, o elemento decisivo consistiu na diversidade de experiências de "degradação" social que o declínio familiar veio propiciar, dando-lhes a oportunidade de vasculhar as diferentes posições de que se constitui o espaço da classe dirigente. A posição em falso dos 'parentes pobres' acelera o trânsito entre as carreiras subalternas desse espaço e multiplica as ameaças objetivas de desclassificação social. No mais das vezes, as migrações geográficas permanentes (inúmeras mudanças de domicílio, de cidade, de Estado, de região), e a intensa rotatividade ocupacional dos pais, se inscrevem no itinerário desses ramos 'destituídos', sendo quase sempre os passos dos "caminhos cruzados" através dos quais esses grupos buscam livrar-se de um processo irreversível de declínio social. Do ponto de vista da produção intelectual, esses deslocamentos bruscos no espaço da classe dirigente e, sobretudo, os riscos de a família ser daí completamente desalojada, tendem a enfraquecer os laços com que seus filhos se prendem à classe de origem e repercutem sobre o modo com que apreendem o mundo social.

QUADRO V — ORIGEM SOCIAL, TRUNFOS/HANDICAPS E CARREIRA *

ROMAN- CISTAS	Data e lugar de nascimento	Profissão do pai	Dilapidação social dos pais	Estigmas Handicaps	Gestão do Cap- ital de relações sociais	Posição na fra- tρία / carreira dos irmãos	Curso Superior	Data de estréia e gênero em livro	Academia Brasi- leira de Letras (ano de ingresso)	Carreira	Tipo de Produção
CYRO VER- SIANI DOS ANJOS	1906 (Montes Claros) Minas Gerais	Comerciante, carreira política local, pequeno fazendeiro de gado.	Falência mate- rial; pais muito velhos.	Colégio de freiras.		Caçula; 13 ir- mãos, o penúlti- mo recebeu o nome de Benja- min; filho tem- porário.	Direito.	1937 ROMANCE	1969	Ajuda o pai na fazenda; poste- riormente trabalha na loja; 1922 — auxiliar de agrimensor; carreira no serviço público.	Romances, Memórias.
CORNELIO PENNA	1896 (Petrópolis) Rio de Janeiro	Médico.	Falência mate- rial; órfão de pai aos 2 anos.	Cego da vista direita (aci- dente).	Apoio do ramo materno.	Caçula; 4 ir- mãos (3 irmãos e 1 irmã).	Direito	1935 ROMANCE	Não	Jornalista em <i>O Jornal</i> ; Pintor; 1925 ou 26 — 3.º Oficial no Ministério da Justiça; 1936 — Diretor do Instituto de Artes da Univ. do Distrito Federal; 1938 — Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Belas Artes (1938/ 39), etc.	Romances; 1928 — primeira exposição de quadros.
Eddy Dias da Cruz (MARQUES REBELO)	1907 Rio de Janeiro (Distrito Federal)	Químico; Pro- fessor da Es- cola Nacional de Química.		Acidente com 19 anos.			Medicina (inter- rompido) Direito	1931 NOVELAS	1964	Dedicou-se ao comércio, nos mais variados ramos, durante 12 anos; Dirigiu a <i>Revista Atlântico</i> ; Tradutor; Colunista; Inspetor Federal de ensino, etc.	Romances, Biografia, Contos, Literatura Infantil, Crônicas, etc.
ÉRICO VERIS- SIMO	1905 (Cruz Alta) Rio Grande- do Sul	Farmacêutico; funcionário.	Falência mate- rial; pais sepa- rados em 1922.	Internato.	Trabalho de costura da mãe.	Primogênito; 1 irmão.	NENHUM	1932 ROMANCE	Não	Empregado no armazém do tio; bancário; farmacêutico; profes- sor particular de inglês e litera- tura; 1936: na Rádio Farroupi- lha faz um programa dedicado às crianças; 1930: serviços edi- toriais (<i>Revista do Globo</i>); 1943: professor visitante Literatura Brasileira em Berkeley; 1952: Di- retor Depto. Assuntos Culturais União Pan-Americana em Was- hington.	Romances, Literatura Infantil, Memórias, Traduções, varieda- des, etc.
GRACILIANO RAMOS	1892 (Quebran- gulo) Alagoas	Comerciante; Juiz substituto.	Falência mate- rial.	Oftalmia (ce- gueira perió- dica)		Primogênito; 1 irmã natural e 1 irmã legítima (a 1.ª mais ve- lha e a 2.ª mais nova) — 1 ir- mão falecido quando criança (mais novo).	NENHUM	1933 ROMANCE	Não	1914: suplente de revisor no <i>Correio da Manhã</i> e <i>O Século</i> ; 1915: proprietário de uma loja de fazendas em Palmeira dos Índios; Prefeito (1929/30); 1930: Diretor da Imprensa Oficial do Est. de Alagoas; 1933: (Diretor da Instrução Pública; Inspetor do Ensino Secundário; Jorna- lista.	Romances, Memórias, etc.
JOAQUIM LUCIO CARDOSO	1912 (Curvelo) Minas Gerais	Fazendeiro; comprador de gado; pequeno industrial, etc.	Falência mate- rial; absenteis- mo paterno.	Internato	Trabalho de costura da mãe e tias.	Caçula; 3 ir- mãos (3.º ho- mem) — filho temporário.	NENHUM	1934 ROMANCE	Não	1929: redigia um <i>Jornalzinho</i> com uma história folhetinesca; 1930: trabalha na Cia. Equita- tiva de Seguros; 1932: funda uma Revista de literatura, com duração efêmera; 1946: jornalista profissional em <i>A Noite</i> ; ou- tras atividades artísticas (cine- ma, teatro), etc.	Romances, Teatro, Cinema, Me- mórias, Pintura.
JORGE AMADO	1912 (Itabuna) Bahia	Fazendeiro (ca- cau) (antes co- merciante de secos e molha- dos).		Internato.		Primogênito; 2 irmãos (1 escri- tor e 1 médico).	Direito	1931 ROMANCE	1961	Redator no <i>Diário da Bahia</i> ; 1935: publicitário na Livraria José Olympio; redator in <i>A Ma- nhã</i> ; 1938/39: redator-chefe em <i>Diretrizes</i> e <i>Dom Casmurro</i> .	Romances.
JOSÉ GERAL- DO MANUEL GERMÃO VIEIRA	1897 Rio de Janeiro (Distrito Federal)	Funcionário diplomático.	Órfão de pai e mãe aos 12 anos.	Internato.	Educado por 1 tio materno (grande indus- trial têxtil).	Filho único.	Medicina (espe- cialização em radiologia na Europa)	1922 CONTOS	Não	Colaborou em <i>O Jornal</i> ; 1922: montou consultório de radiolo- gia no Rio, trabalha também na Beneficência Portuguesa e na Associação dos Empregados no Comércio, até 1941; tradutor, etc.	Romances, Poesias, Contos, Traduções, Crítica Literária e de Artes Plásticas.
JOSÉ LINS DO REGO	1901 Pernambuco	Senhor de engenho.	Falência mate- rial; órfão de mãe, 2.º casa- mento do pai.	Asmático.	Ramo materno dominante; edu- cado pelo avô.	Filho único.	Direito (Recife)	1932 ROMANCE	1955	Funcionário do Ministério da Fazenda e outras tarefas no serviço público (Conselho Na- cional de Desportos), ativida- des na imprensa.	Romances, Memórias, Literatu- ra Infantil, Crônicas.
OCTAVIO DE FARIA	1908 Rio de Janeiro (Distrito Federal)	Empresário; po- lítico; embai- xador.				Único filho homem.	Direito (Rio de Janeiro) Faculdade Na- cional de Di- reito	1931 ENSAIO POLITICO	1972	1936: diretor Escola Filosofia e Letras da Universidade Rio de Janeiro; 1927: colaborador em <i>A Ordem</i> , e em <i>Literatura</i> , pu- blicação dirigida por A. F.	Escritos Políticos, Romances.

Edição Dia da Cruz (MARQUES REBELO)	1907 Rio de Janeiro (Distrito Federal)	Químico; Pro- fessor da Es- cola Nacional de Química.		Acidente com 19 anos.			Medicina (inter- rompido) Direito	1931 NOVELAS	1964	Dedicou-se ao comércio, nos mais variados ramos, durante 12 anos; Dirigiu a Revista <i>Atlântico</i> ; Tradutor; Colunista; Inspetor Federal de ensaio, etc.	Romances, Biografia, Contos, Literatura Infantil, Crônicas, etc.
FRUO VERIS- SIMO	1905 (Cruz Alta) Rio Grande do Sul	Farmacêutico; funcionário.	Falência mate- rial; pais sepa- rados em 1922.	Internato.	Trabalho de costura da mãe.	Primogênito; 1 irmão.	NENHUM	1932 ROMANCE	Não	Empregado no armazém do tio; bancário; farmacêutico; profes- sor particular de inglês e litera- tura; 1936: na Rádio Párrupi- lha faz um programa dedicado às crianças; 1930: serviços edi- toriais (<i>Revista do Globo</i>); 1943: professor visitante Literatura Brasileira em Berkeley; 1952: Di- retor Depto. Assuntos Culturais União Pan-Americana em Was- hington.	Romances, Literatura Infantil, Memórias, Traduções, varieda- des, etc.
GRACILIANO RAMOS	1892 (Quebran- gulo) Alagoas	Comerciante; Juiz substituto.	Falência mate- rial.	Oftalmia (ce- gueira periódica)		Primogênito; 1 irmã natural e 1 irmã legítima (a 1.ª mais ve- lha e a 2.ª mais nova) — 1 ir- mão falecido quando criança (mais novo).	NENHUM	1933 ROMANCE	Não	1914: suplente de revisor no <i>Correio da Manhã</i> e <i>O Século</i> ; 1915: proprietário de uma loja de fazendas em Palmeira dos Índios; Prefeito (1929/30); 1930: Diretor da Imprensa Oficial do Est. de Alagoas; 1933: Diretor da Instrução Pública; Inspetor do Ensino Secundário; Jorna- lista.	Romances, Memórias, etc.
JOAQUIM LÚCIO CARDOSO	1912 (Curvelo) Minas Gerais	Fazendeiro; comprador de gado; pequeno industrial, etc.	Falência mate- rial; absenteis- mo paterno.	Internato	Trabalho de costura da mãe e tias.	Caçula; 3 ir- mãos (3.ª ho- mem) — filho temporão.	NENHUM	1934 ROMANCE	Não	1929: redigia um <i>Jornalzinho</i> com uma história folhetinesca; 1930: trabalha na Cia. Equita- tiva de Seguros; 1932: funda uma Revista de literatura, com duração efêmera; 1946: jorna- lista profissional em <i>A Noite</i> ; ou- tras atividades artísticas (cine- ma, teatro), etc.	Romances, Teatro, Cinema, Me- mórias, Pintura.
JORGE AMADO	1912 (Itabuna) Bahia	Fazendeiro (ca- cau) (antes co- merciante de secos e molha- dos).		Internato.		Primogênito; 2 irmãos (1 escri- tor e 1 médico).	Direito	1931 ROMANCE	1961	Redator no <i>Diário da Bahia</i> ; 1935: publicitário na Livraria José Olympio; redator in <i>A Ma- nhã</i> ; 1938/39: redator-chefe em <i>Diretrizes</i> e <i>Dom Casmurro</i> .	Romances.
JOSÉ GERAL- DO MANUEL GERMANO VIEIRA	1897 Rio de Janeiro (Distrito Federal)	Funcionário diplomático.	Órfão de pai e mãe aos 12 anos.	Internato.	Educação por 1 tio materno (grande indus- trial têxtil).	Filho único.	Medicina (espe- cialização em radiologia na Europa)	1922 CONTOS	Não	Colaborou em <i>O Jornal</i> ; 1922: montou consultório de radiolo- gia no Rio, trabalha também na Beneficência Portuguesa e na Associação dos Empregados no Comércio, até 1941; tradutor, etc.	Romances, Poesias, Contos, Traduções, Crítica Literária e de Artes Plásticas.
JOSÉ LINS DO REGO	1901 Pernambuco	Senhor de engenho.	Falência mate- rial; órfão de mãe, 2.º casa- mento do pai.	Asmático.	Ramo materno dominante; edu- cado pelo avô.	Filho único.	Direito (Recife)	1932 ROMANCE	1955	Funcionário do Ministério da Fazenda e outras tarefas no serviço público (Conselho Na- cional de Desportos), ativida- des na imprensa.	Romances, Memórias, Literatu- ra Infantil, Crônicas.
OCTAVIO DE FÁRIA	1908 Rio de Janeiro (Distrito Federal)	Empresário; po- lítico; embai- xador.				Único filho homem.	Direito (Rio de Janeiro) Faculdade Na- cional de Di- reito	1931 ENSAIO POLÍTICO	1972	1936: diretor Escola Filosofia e Letras da Universidade Rio de Janeiro; 1927: colaborador em <i>A Ordem</i> , e em <i>Literatura</i> , pu- blicação dirigida por A. F. Schmidt.	Escritos Políticos, Romances.
ORIGENES LESSA	1903 (Lencóis Paulista) S. Paulo	Pastor protes- tante; jornalista; professor de teologia.	Órfão de mãe aos 7 anos.	Internato; doenças.		5 irmãos.	Sem. Protestan- te, Fac. Filos. (não completou) Em 1928, ma- triculou-se na Escola Dramáti- ca (cursou du- rante 1 ano)	1929 CONTOS	Não	Jornalista, colaborou no <i>Impar- cial</i> , <i>Tribuna Social</i> Operária (dirigida por Joaquim Pimenta, no Rio). Em fins de 1928: Ge- neral Motors, em São Paulo, como tradutor; jornalista no <i>Diário da Noite</i> e na <i>Folha da Manhã</i> ; trabalho na Rádio Re- cord; de 1941 a 1942 dirigiu o <i>Planalto</i> , revista literária; mar- ço de 1942: seguiu para os E.U.A. contratado pelo Coor- denador de Assuntos Interame- ricanos; redator em agências de propaganda desde 1931.	Novelas, Contos, Contos Infan- tis, Romances, Traduções.
RACHEL DE QUEIROZ	1910 (Fortaleza) Ceará	Juiz em Quixa- dá; Promotor em Fortaleza; professor se- cundário; dono de 1 curtume; fazendeiro.		Internato.		Primogênita; 3 irmãos; 1 irmã.	Escola Normal (Fortaleza)	1930 ROMANCE	1977	1930: professora da Escola Nor- mal; 1944: colabora nos jornais <i>Correio da Manhã</i> , <i>O Jornal</i> e finalmente no <i>Diário de Noti- cias</i> .	Romances, Crônicas, Poesias, Teatro.

Essas experiências de intimidação social a que estão sujeitos os ramos declinantes — e que não têm nada a ver com os percursos lineares que o léxico da mobilidade descreve —, são de molde não apenas a desgastar as relações que esses futuros escritores mantêm com seu ambiente de origem mas também a suscitar uma tomada de consciência da heterogeneidade de interesses e da diversidade dos móveis de luta no interior de sua própria classe, primeira condição para que se possa objetivar as relações de sentido e as relações de força entre os grupos sociais. Em tais condições, os romancistas vêem-se expostos a todo tipo de situações de crise de que são poupados os detentores de uma posição estável na hierarquia social os quais não conseguem vivenciar, nem mesmo no plano simbólico, a condição das classes dominadas.

Por conseguinte, não há chances de se obter qualquer garantia de objetividade sobre o mundo social a menos que os produtores dessa reconstrução simbólica — sejam eles artistas, escritores ou cientistas — tenham vivido a experiência dramática de serem desalojados da posição social que os seus vinham ocupando, a única maneira de se familiarizarem com outros pontos de vista sem que por isso consigam se desvencilhar do setor da classe dirigente de que são originários.

Nomadismo, desclassificação e feminização

Na escuridão percebi o valor enorme das palavras.

(Graciliano Ramos, *Infância*, p. 134)

Os casos de nomadismo familiar desvendam estratégias típicas através das quais os 'parentes pobres' da classe dirigente acionam o capital de relações sociais que lhes restou. Uma vez rompidas as ligações com o universo dos proprietários, o itinerário domiciliar da família acompanha os passos da iniciativa paterna em busca de um refúgio em outros domínios de atividade à altura de suas expectativas. Não se pode contudo atribuir a relegação dos parentes pobres à instabilidade profissional que, no mais das vezes, é a consequência direta da perda do patrimônio material. Caso se pudesse projetar num gráfico as variações sucessivas do itinerário cumprido pelos "parentes pobres", poder-se-ia constatar que o sentido da trajetória (quer em termos de reconversão, quer em termos de relegação) depende muito mais das exigências do trabalho de dominação

que do número de membros da classe dominante que, tendo perdido seu lastro material, se encontram em busca de uma posição de "consolo" na periferia dos grupos dirigentes. Nos casos de Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Orígenes Lessa, etc., o sentido da trajetória ocupacional do pai, oscilando entre as posições de pequeno proprietários no comércio e/ou na agricultura e as posições burocráticas de relegação, contribuiu em medida muito mais significativa para o encaminhamento dos filhos em direção ao trabalho intelectual do que as injunções ligadas à mera dilapidação da fortuna.

Nomadismo e mobilização do capital

Entre 1892, ano de seu nascimento em Quebrangulo de onde sai com um ano de idade, e 1915 quando, já casado, se instala como dono de uma loja de tecidos em Palmeira dos Índios, no interior de Alagoas, Graciliano Ramos acompanha sua família em sucessivas mudanças de residência: de Buíque, zona pastoril no interior pernambuco onde seu pai possuía uma fazenda de gado, a família transfere-se para Viçosa, zona açucareira no interior alagoano, onde o pai abre uma sociedade comercial conseguindo ainda ser nomeado juiz substituto; daí Graciliano se desloca para Maceió a fim de prosseguir os estudos secundários e, em 1914, realiza sua primeira viagem à capital federal sem chegar a conseguir o que desejava, uma inserção estável na imprensa carioca.

Se do lado paterno Rachel também descendia de proprietários de engenho, acabou cumprindo itinerário de efeitos semelhantes aos de Graciliano e totalmente diverso da estabilidade que tiveram seus ilustres parentes maternos por força dos inúmeros deslocamentos que marcaram a história ocupacional de seu pai. De Quixadá, no interior cearense, com casa na cidade e na fazenda, sua família transfere-se para Fortaleza onde o pai fora nomeado promotor, cargo que abandona em troca de um posto no magistério secundário; em 1917, depois de falharem as tentativas de se fixar no Rio de Janeiro, o pai desloca-se para Belém do Pará onde resolve abrir um curtume ao invés de aceitar um posto na magistratura local; dois anos depois, a família retorna ao Ceará, com rápidas passagens por Fortaleza, Guaramiranga e, finalmente, de novo em Quixadá onde reorganiza as atividades na fazenda

em torno da pecuária; a partir de 1921, Rachel estuda quatro anos num colégio de freiras em Fortaleza até diplomar-se como normalista; tendo passado mais dois anos no interior, volta com sua família para Fortaleza até transferir-se para o Rio e São Paulo no início dos anos 30.

Naquelas situações em que o declínio resulta do desaparecimento da figura paterna (falecimento, absenteísmo, separação dos pais,) — como nos casos de Cornélio Penna, Êrico Veríssimo, etc. — o nomadismo familiar traduz os esforços por parte da mãe em busca do apoio e dos recursos dos parentes abonados que possam complementar os rendimentos que aufera mediante trabalhos de baixa rentabilidade (costura, docaria, bordados, flores de papel, etc.), com vistas a propiciar aos filhos oportunidades de escolarização capazes de sustar o processo de 'desclassificação' social. Lúcio Cardoso constitui um caso limite em que os dissabores provocados pela falência econômica, social e afetiva do pai, se associam aos efeitos produzidos pelo nomadismo da família.

"Era o velho Joaquim Lúcio Cardoso natural de Valença e filho de fazendeiros daquela cidade fluminense. Estudou até o terceiro ano da Escola de Engenharia de Ouro Preto, mas, com a morte do pai, abandonou os estudos. Foi então para Curvelo, acompanhando a turma de engenheiros encarregada de construir ali a Estrada de Ferro Central do Brasil. Ficou no lugar, onde acabou por se casar com D. Regina (...) que morreria cinco anos depois, tuberculosa. Casou-se então (1899) com uma amiga íntima da mulher (...) que lhe deu seis filhos (...). Foi o velho Joaquim, na verdade, quem fundou Pirapora, civilizou-a e a fez prosperar. E chegou a ser proprietário de toda a cidade, e a possuir 8.000 cabeças de gado (...) acabou perdendo tudo. Desta vez, porque devia cem contos à Cia. de Fiação de Tecidos, de que era representante em Pirapora, e entregou todos os bens. Voltou então para Curvelo, onde nasceram os dois primeiros filhos (...) e onde fundou uma fábrica de sabão — a primeira do lugar. Mas acabando por se indispor com o comércio local, este, em represália, passou a adquirir a mercadoria no Rio e a vender mais barato à cidade. Teve ainda Joaquim inúmeras profissões e atividades em dezenas de lugares diferentes. Depois dessa segunda tempo-

rada em Curvelo vai para Diamantina, onde fica um ano e monta um restaurante.”⁽³³⁾

Em vista do malogro de todos seus empreendimentos, seu pai “decidiu ser fazendeiro e ir cultivar as terras que possuía nas bandas de Várzea da Palma” onde passa a produzir derivados de cana, rapadura, melado, cachaça. Sérias dificuldades financeiras fazem-no vender a fazenda e retorna com a família a Curvelo num sobradinho alugado. Passado algum tempo, o pai vai dirigir uma pequena firma ligada ao comércio de automóveis em Belo Horizonte, fixando-se adiante na profissão de agrimensor em Pirapora. A mobilidade geográfica da família — de Curvelo para a fazenda, volta a Curvelo, dali para Belo Horizonte, o traslado para o Rio de Janeiro em 1923, as constantes mudanças de residência na capital federal — resulta, via de regra, de fracassos econômicos que comprometem a sobrevivência familiar e que repercutem na trajetória dos irmãos mais jovens que acabam sendo preteridos de alguma maneira. Quando sobrevém a crise, a família trata imediatamente de buscar um novo domicílio na expectativa de que isso possa trazer melhores oportunidades de explorar fontes intactas do capital remanescente de relações sociais — parentes afastados, conhecidos e relações de amizade. A instalação da família num subúrbio carioca traz como dividendos um emprego de repórter para o irmão Adauro e, adiante, por intermédio de um amigo do pai que era na época um dos diretores do Lóide Brasileiro, um posto de conferente de cargas; a transferência para Belo Horizonte possibilitou um casamento ‘para cima’ de uma das irmãs e permitiu a Lúcio entrar em contacto com a roda intelectualizada de seu tio materno.

O que distinguia ambas as famílias dominantes na cidade natal de Lúcio era o peso relativo das espécies de capital. Enquanto os Mascarenhas dispunham de um sólido patrimônio em terras e outras modalidades de imobilização do capital econômico, os Viannas constituem um típico exemplo de antigas famílias dominantes empobrecidas cuja sobrevivência no espaço da classe dirigente se deve, sobretudo, à possibilidade de fazer valer seu cabedal de prestígio para que possam reorientar suas aspirações de mando e assumir as tarefas de domina-

ção em âmbito local (comando do partido oligárquico e do jornal da cidade)⁽³⁴⁾.

O processo de feminização

“Eram três as ‘filipas’: Júlia, mãe de vovó, Filomena e Ritinha; a mãe de Babita, da qual não me recordo o nome, e Matilde, conhecida em Curvelo como Sá Bico-ta, delas a única que se casara, mas que não tinha nenhum filho. Mulheres inteligentes, espirituosas, de inclinação artística acentuada, eram filhas de um viúvo português que, obrigado pelo trabalho a que se dedicava, se ausentava da casa por períodos grandes, deixando-as completamente sós. Bem dotadas e dispostas para o trabalho, ganhavam a vida como costureiras de fama na cidade e a casa, apesar de pobre, era muito freqüentada, não havendo quem não as apreciasse pela inteligência e espírito; era uma espécie de salão literário do Curvelo naquela época (...) Com a ausência prolongada do pai e não tendo mãe ou qualquer parenta mais idosa para aconselhá-las, cedo se perderam, seduzidas pelos filhos das famílias mais importantes da terra que, vindos da corte, buscavam sua casa como o lugar mais interessante da cidade e mais tarde se casavam com outras, herdeiras de nome, deixando-as com filhos. Morreram moças, com exceção de Matilde: Júlia deixou cinco ou seis filhos que

(34) “Curvelo se dividia em duas famílias: Vianna e Mascarenhas. Os que não eram seus membros, a elas se ligavam pelo casamento ou pela amizade, quaisquer desses tipos de relações, excluindo automaticamente qualquer ligação mais profunda com a outra (...) A separação na sociedade local era completa: na igreja, nas festas, em tudo. Os Viannas tinham o seu cinema, os Mascarenhas inauguraram um para eles; os Viannas freqüentavam a igreja matriz, os Mascarenhas, a igreja velha de São Geraldo, dos padres Redentoristas (...) Os Mascarenhas eram gente boa, honrada, de coração largo, a sua caridade famosa entre a gente pobre. Possuidores de grande fortuna, casavam-se entre si (...) Os Viannas eram pobres, seus antepassados tendo perdido quase toda a fortuna que possuíam. Em matéria de inteligência e espírito, porém, eram bem providos. Inteligentes, vivos, críticos, não perdoavam aos adversários a sua simplicidade; glosando-os impiedosamente no seu jornal (...) Ambas eram famílias dignas, honradas, de grande tradição, vinculadas àquela terra há longos anos. Pelo lado materno pertencíamos à família Vianna, e disso nos orgulhávamos bastante”, in Maria Helena Cardoso, *Por Onde Andou Meu Coração*, Rio de Janeiro, José Olympio, 2.^a ed., 1968, pp. 51/2.

(33) R. Perez, *op. cit.*, 2.^a série, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964, pp. 193/194.

tinham sido perfilhados pelo amante, que os criou e educou à sua custa (...).” (35).

Ao cabo deste processo de “desclassificação” social do ramo materno, as mulheres passam a se dedicar profissionalmente ao trabalho de costura, derradeira fonte de renda para uma família de ‘parentes pobres’ que já haviam rompido completamente os laços com seu ambiente de origem, vizinhas de “todo um correr de casinhas baixas, residência das ‘mulheres de vida airada’ da cidade” (36).

De sua remota origem oligárquica, a família preserva quando muito alguns objetos desemparelhados, atavismos, trejeitos, maneiras de ser e de se comportar, e um repertório de lembranças, através dos quais mantém acesa a esperança de restabelecer a antiga situação de fausto e prestígio. O licoreiro é o remanescente de antigas ligações com a oligarquia e de todo o estilo de vida dessa classe. O fato de que a família de Lucio ainda possa exibir objetos de luxo, deslocados de seu ambiente original, e utilizá-los em ocasiões especiais, expressa a aptidão de que dispõem os ‘parentes pobres’ para lembrar ou reviver sua antiga condição social pelo recurso a rituais do passado.

“(...) um guarda-louça, o móvel de mais luxo da casa, de madeira amarela escura, envernizada, portas de vidro e uns ganchinhos onde se penduravam as xícaras (...) O aniversário de Tidoce era sempre festejado. Muitos dias antes eu e Zizina começávamos os preparativos: lavávamos a louça do guarda-louça, retirando com o máximo cuidado as xícaras penduradas nos ganchos, o licoreiro de vidro azul, bordado com florinhas brancas e seus minúsculos copos, que mais pareciam de bonecas. Sentia-me feliz em poder pegar com minhas mãos aquela jóia que contemplava o ano todo através dos vidros (...) Fazia questão de lavá-lo com o maior cuidado, repondo-o em seguida em sua armação de metal.” (37).

A avó fazia roupas de homem, a mãe e a tia cosiam para freguesas ricas da região, aceitavam encomendas para enxovais de batizado, vestidos de noite, fantasias. A instabilidade profissional do pai, os longos períodos em que sumia de casa,

(35) Id., *ibid.*, p. 283.

(36) Id., *ibid.*, p. 41.

(37) Id., *ibid.*, pp. 40/1.

fizeram com que o sustento da família passasse a depender virtualmente do trabalho de costura realizado em mutirão pelas mulheres. Elas haviam granjeado fama pela “perfeição” do acabamento e pelo “bom gosto” que lhes permitia confeccionar os modelos sofisticados dos figurinos parisienses. Assim, o saber lidar com os princípios do gosto dominante constitui, ao mesmo tempo, o requisito mais ‘natural’ dessa competência e a condição mesma de êxito na prestação de serviços que se valem desse saber.

“O melhor do carnaval era o baile a fantasia que naquele ano se realizaria no Cinema Oreon. Prometia ser de arromba. Tidoce já não podia mais aceitar encomendas e cosia até tarde da noite para poder dar conta. Toda a cidade ia ao baile e não se falava de outra coisa. As lojas viviam cheias de gente, comprando sedas, veludos, lantejoulas, vidrilhos, miçangas, rendas prateadas, douradas, plumas. A casa de vovó, um vaivém de moças e senhoras que entravam e saíam: umas para experimentar vestido, outras à espera e, finalmente, as que não tinham conseguido que Tidoce tomasse a encomenda, escolhiam nos seus figurinos, os melhores que havia na cidade, modelos para as fantasias; junto às senhoras assentadas nos bancos da sala de costura, conversando, amontoavam-se, confusamente as capas coloridas de *La Mode Illustrée*, *Chic Parisien*, *La Femme Chic* e outros.” (38).

Segundo o relato de sua irmã, é nessa conjuntura que nasce Lúcio, “o último filho de mamãe”, um ano antes de a família transferir-se para Belo Horizonte. Apesar da resistência do pai e do temor que a mãe tinha de perdoar de vez o marido e de ser obrigada a vender a casa recém-adquirida em Curvelo, as aspirações da mãe em relação à educação dos filhos que contava poder financiar com a costura, e o exemplo de outras famílias nas mesmas condições que haviam conseguido empregar os seus, acabaram minando os receios de que acontecesse o pior. Seria a humilhação de se verem forçados a retornar a Curvelo, isso também entrava no cálculo. Enfim, o projeto de se instalarem na capital do Estado teve impulso decisivo com a proposta paterna de empresa, em moldes semi-industriais, o trabalho de costura da espora e da cunhada.

(38) Id., *ibid.*, p. 47.

A penúria material torna os 'parentes pobres' sensíveis a um tipo de demandas que possam lhes propiciar meios de subsistência e livrá-lo das obrigações inerentes a outras formas de trabalho que consideram "indignas". As "bocas" e os "bicos" consistem, em geral, em serviços de caráter pessoal que não se manifestam enquanto trabalho, ou melhor, que acobertam a retribuição pecuniária. De fato, esta forma de trabalho apresenta dois traços peculiares: sendo ao mesmo tempo produção material e simbólica, a confecção de roupas e, em geral, de acessórios exigidos pelo estilo de vida das classes dirigentes, supõe a experiência concreta desse estilo de vida, o trato do gosto, a disposição de se colocar na posição do cliente; nesse caso, a relação de serviço é dissimulada pela prestação de conselhos mediante a qual o artesão de luxo torna-se um especialista em estilo de vida que detém o monopólio dos princípios do gosto. Essas duas características mascaram a brutalidade da relação pecuniária entre o cliente que faz a encomenda e o executante do serviço. Os rituais inerentes à relação — a troca de cortesias por ocasião da encomenda ou durante as provas — ocultam o caráter mercantil da prestação de serviço e transformam-na em relação social: ao recepcionar os clientes, é preciso mostrar tato, boas maneiras, não ser inconveniente, "açucarar" refrescos e iguarias, em suma costuma-se mobilizar nessas ocasiões disposições idênticas àquelas exigidas numa recepção mundana. E assim se constitui enquanto especialidade (e muitas vezes, enquanto especialização profissional) o exercício das disposições sociais e intelectuais herdadas da convivência e da familiaridade com o estilo de vida das classes dominantes.

Os períodos de bonança que correspondem, na representação dos filhos, à presença esporádica do pai, confirmam o padrão dominante com que os ramos destituídos lidam com sua condição social. Contando apenas com a salvaguarda do estilo de vida de sua classe, com a qual permanecem identificados através de suas atitudes, gostos e valores, a estratégia que lhes permite substituir fazendo de conta de que poderiam voltar a ser o que já foram, consiste em dissimular todas as dimensões de sua existência social segundo os mesmos procedimentos que presidem à reforma de um vestido. Encurtando a bainha, ajustando o talhe ou acrescentando um adereço, os 'parentes pobres' se empenham em alcançar ao menor custo o máximo rendimento, o melhor efeito, ou então, o que dá no

mesmo, se obstinam em preservar os vestígios de sua identidade penhorando seus trunfos mais exíguos⁽³⁹⁾.

"(...) Papai não mudara de temperamento. Era o sonhador de sempre, à espera de um golpe de sorte que o favorecesse à última hora (...) E a vida nós a levávamos de acordo com sua maneira de ser. Quando de visita em casa, nadávamos na fartura. Dinheiro, mesa lauta, vinhos, a maior animação; as compras se sucediam, nada nos era negado (...) repentinamente anunciava a sua partida e nós, embora o adorássemos, respirávamos aliviados. Iamos voltar à vida de inteira liberdade, embora as festas, o dinheiro e as compras se acabassem. Quanto a ele, se transformava com a proximidade da partida: voltava-lhe a animação interior e esquecia-se das queixas, conversando com mamãe, fazendo-lhe ver a necessidade de seu regresso imediato. Precisava trabalhar, "a fonte produtora, era uma só", à sua espera estava uma porção de bocas abertas, seus empregados (...) Vinha aí o reverso da medalha. Os meses corriam e nada de dinheiro. Escrevia, falando sobre as dificuldades lá fora, a crise, e nos aconselhando paciência. Comíamos graças à conta que ele autorizara no armazém pegado ao lado da casa, porém agora sob o regime da mais severa economia. Mamãe, que via confirmados os seus temores, apertava o mais que podia, comprando apenas o estritamente necessário (...) Muitas vezes tamanha era a falta de dinheiro, que mamãe empenhava os poucos objetos de valor que possuía em casa." (40).

Diversamente de outras categorias de intelectuais, os futuros cronistas da "casa assassinada" não puderam compensar a falência material da família com os dividendos que auferem os ocupantes de posições privilegiadas no espaço da linhagem. Muitas vezes tiveram de enfrentar os reveses provocados por estigmas físicos e sociais que contribuíram para tornar irreversível a relegação familiar de que eram vítimas.

(39) "Se eu não tinha roupa, isto não constituía problema. Zizina trazia um dos vestidos dela e ajeitava-o no meu corpo. Quase da mesma altura, eu mais magra apenas, aperta daqui, prega dacolá, pronto, lá estava eu vestida, apesar dos alinhavos e alfinetes", in M. H. Cardoso, *op. cit.*, p. 215.

(40) Maria Helena Cardoso, *op. cit.*, pp. 209/211.

"Eu me comportava direito: encolhido e morno, deslizava como sombra. As minhas brincadeiras eram silenciosas (...) Afastou-me da escola, atrasou-me, enquanto os filhos de seu José Galvão se internavam em grandes volumes coloridos, a doença de olhos que me perseguiu na meninice. Torturava-me semanas e semanas, eu vivia na treva, o rosto oculto num pano escuro, tropeçando nos móveis, guiando-me às apalpadelas, ao longo das paredes. As pálpebras inflamadas colavam-se. Para descerrá-las, eu ficava tempo sem fim mergulhando a cara na bacia de água, lavando-me vagarosamente, pois o contacto dos dedos era doloroso em excesso (...) Sem dúvida o meu aspecto era desagradável, inspirava repugnância. E a gente da casa se impacientava. Minha mãe tinha franqueza de manifestar-me viva antipatia." (41).

"Vivia um pouco afastado dos colegas, sem amigos, mas já nesse tempo a vida me ensinara rudemente os seus perigos, pois aos dez anos feri a vista direita, e perdi toda a visão, e daí o meu martírio de criança, proibida de ler, e ouvindo através da porta de meu quarto, a recomendação ansiosa: 'Apague a luz, que você fica cego' (...) pois era uma criança solitária, inquieta, mas só interiormente, que não sabia brincar, e passava a maior parte do meu tempo em duas salas vazias, com os brinquedos diante de mim, a imaginar o que devia se passar com eles." (42).

Sofrendo as conseqüências da perda do irmão mais velho sob a forma de censuras veladas que seus pais lhe faziam e que acabaram por culpabilizá-lo, espremido entre a irmã bastarda e a irmã legítima mais nova, o apelido de *bezerro-en-courado* que os pais de Graciliano lhe impingem equiparam-no a um bezerro órfão que consegue sobreviver às custas de um estratagema. "Quando uma cria morre, tiram-lhe o couro, vestem com ele um órfão que, neste disfarce, é amamentado. A vaca sente o cheiro do filho, engana-se e adota o animal" (43).

(41) Graciliano Ramos, *Infância (memórias)*, Rio de Janeiro, José Olympio, 3.^a ed., pp. 108, 131.

(42) Cornélio Penna, *Romances Completos*, Rio de Janeiro, Ed. José Aguilar, 1958, pp. LVI e 1368.

(43) "Devo o apodo ao meu desarranjo, à feitura, ao desengonço (...)", Graciliano Ramos, *op. cit.*, p. 132.

A cegueira periódica de Graciliano, também chamado de *ca-bra-cega*, só serviu para aguçar sua susceptibilidade ante as atitudes familiares de rejeição, como que fazendo irromper na própria pele a pecha que vinha confirmar seu *status* de intruso.

Embora fossem idênticas as conseqüências trazidas pela condição de caçula, enquanto Cyro dos Anjos teve de enfrentar as desvantagens de filho extemporâneo, nascido após o irmão Benjamin (o 12.^o) a partir do qual seus pais haviam decidido sustar a prole, Lúcio Cardoso foi objeto dos cuidados e mimos que envolvem um filho temporão, muito mais próximo de sua irmã Maria Helena do que de seus irmãos mais velhos. Além do relacionamento distante que mantêm com os pais e a despeito da disparidade dos ganhos afetivos que lhes são dispensados, a condição de caçula se cristaliza sobretudo em conseqüência dos interesses dos irmãos mais velhos. Com vistas a preservar as vantagens dos irmãos mais velhos quanto à utilização do capital familiar disponível, as relações no interior da fratria passam a ser escudadas por uma hierarquia de autoridade que exclui os menores do espaço de concorrência no âmbito doméstico. Assim, as relações de força entre irmãos atendem aos interesses dos que pretendem tirar o melhor proveito do montante e das formas de capital familiar a que cada um deles está em condições de aspirar. A irmã mais velha de Lúcio casa-se com um médico, outro irmão conclui o curso de medicina e um terceiro forma-se em direito como primeiro passo de uma carreira de êxito na política profissional nos quadros da UDN mineira. Nestas condições, a distância em relação aos pais surte efeitos sociais análogos àqueles provocados por outras modalidades de falência familiar, fazendo com que esses caçulas passem a viver a condição de cria dos irmãos mais velhos.

Conforme expressão do próprio Cyro dos Anjos, "os deradeiros da prole" nem mesmo podem se beneficiar dos investimentos em escolaridade que os mais velhos monopolizam e, a despeito de sua vontade, acabam enredados pelo universo dos valores femininos de sua classe. Como diz a irmã de Lúcio, "era isto mesmo, filho criado sem o pai em casa, não dava coisa que prestasse", ou seja, por haver incorporado as disposições inerentes às práticas femininas estava fadado a tornar-se um 'filho da mãe' cuja única esfera de atividade possível no espaço da classe dirigente seria o trabalho intelectual sob alguma de suas modalidades, para onde pudesse transferir e pôr em prática os esquemas de ação e percepção que

havia adquirido através do contacto prolongado com as mulheres. Inúmeras situações reforçam a identificação progressiva de Lúcio com o universo das práticas femininas, sua preferência pelas coisas de 'mulher' e a distância correlata dos jogos de menino. Ao tornar-se o objeto dos cuidados e da proteção da mãe, das irmãs e das tias, acaba investido dos atributos socialmente definidos como femininos, a 'sensibilidade', a 'delicadeza', o 'recato', a 'discrição'.

A irmã de Lúcio Cardoso relata como ele se converteu em objeto de disputa entre suas irmãs mais velhas, completamente excluído das brincadeiras entre os irmãos: "Quando Nonô nasceu, Zizina e eu já éramos grandinhas e ficamos loucas de alegria, cada qual querendo tomar conta dele. Voltávamos da aula, mal atirávamos os livros para um canto e corríamos para ver quem segurava ele primeiro. Zizinha então se julgava a própria mãe: embalava-o, cantando, dormia com ele no canto da cama, com grande inveja minha, em quem mamãe não tinha tanta confiança (...) e o garoto vinha para baixo, aos nossos cuidados, sob a vigilância de Rita, a empregada que cuidou dele desde o nascimento (...) Para nós era um encanto (...) Outras tardes saía a passear com Miltinho, o filhinho de Josefina, e Nonô. Eram ambos da mesma idade e empurrava o carrinho de yime que Dr. Duque tinha mandado vir do Rio para o filho. Todo forrado de cetim rosa, Miltinho assentava-se no fundo, no lugar principal, vestido de rendas e veludo. Nonô, vinha no banquinho da frente, e fazia sucesso por onde passava. Não havia quem não parasse para admirá-lo e dissesse (...) — (...) que gracinha de criança, Nhanhá é feliz por ter um filhinho assim (...) Quando ficou maiorzinho e começou a falar era o orgulho da casa toda. Éramos loucas por ele. Muitas tardes mamãe tomava-o no colo e descia comigo a Praça da Reforma, em direção à casa de vovó. Assim que chegávamos na entrada do beco de Seu Juquinha, Raimunda da farmácia aparecia na janela do escritório, chamava mamãe, tomava Nonô dos braços dela, e enchia-o de balas, caramelos e pastilhas de mel que sobravam nos vidros da farmácia. De tal maneira ele se habituou àqueles agrados que, mal nos aproximávamos

do beco, já começava a fazer barulho e a chamar a atenção de Raimunda (...)." (44).

E Cyro dos Anjos conta sua experiência de filho perdido e submisso à autoridade de seus irmãos mais velhos: "Desse modo, eu, o 13.º filho, só me entendia com o mano Beijo, o 12.º, um ano acima de mim. Era natural que nos aliássemos, e sobretudo que associássemos os nossos engenhos (...) Embora coexistissem e se cruzassem esses dois mundos — o da cozinha e o da sala de jantar — não os explorou na mesma época a minha curiosidade. O de Luísa precedeu o de minha mãe, havendo o mano Benjamin e eu vivido, na primeira quadra da infância, à barra da saia da preta velha, por cujo intermédio tudo nos vinha (...) Falei em seu alheamento: era preciso que lhe puxássemos (refere-se à mãe) a manga da blusa várias vezes, para conseguirmos que reparasse no que dizíamos (...) pouco a conhecíamos. Além de Luísa, não havia outra fonte a consultar sobre os pais. Tínhamos de recorrer à própria observação e experiência, já que não puxávamos conversa com os manos mais velhos (...) A rígida hierarquia não comportava o direito de perguntar, e inflexível disciplina reinava no clã. Valdemar escondia o cigarro diante de Antonico; Artur não pilheriava na presença de Carlos; Tito não se atrevia a nos pregar peças, estando Pedro nas proximidades; e Zezé, sempre brincalhão, acautelava-se com os que o precediam na ordem da idade (...) Mais escasso, ainda, foi o meu convívio com o Pai, na meninice (...) Minha primitiva idéia a seu respeito era, porém, aquela de uma entidade poderosa e distante, provavelmente justa, mas severa e inflexível, que imperava discricionariamente na casa, na loja e na fazenda." (45).

A aprendizagem das disposições femininas ocorre através de episódios aparentemente anódinos, como por exemplo a coroação da Virgem Maria em que Lúcio assume o papel de padre, o estudo de piano, o fascínio pelo cinema, pela vida e pelas façanhas dos artistas, diversas práticas que, no limite, traduzem um rompimento quase que insensível com as categorias com

(44) M. H. Cardoso, *op. cit.*, pp. 220/221.

(45) Cyro dos Anjos, *Explorações no Tempo* (memórias), Rio de Janeiro, José Olympio, 1963, pp. 28/9, 32, 46.

que os 'homens' tendem a apreender as alternativas profissionais e as posições correspondentes no espaço da classe dirigente. E o fato de Lúcio ter passado cinco anos num internato em Minas serviu apenas para tornar irreversível o sentido de sua trajetória, ao subtrai-lo do convívio com seus dois irmãos mais velhos e ao separá-lo definitivamente de seu pai.

"Maio era o mês mais lindo em Belo Horizonte e lá em casa o único cuidado era a hora da novena. Durante o dia, Lourdes e Nonô (Lúcio), ainda meninos, repetiam a coroação a que tinham assistido na véspera. Reuniam os amigos da vizinhança, teciam coroas de boninas, armando o altar em cima da mesa de engomar, na varanda dos fundos: Nonô fazia o padre, uma das meninas Nossa Senhora e as que sobravam, as coroantes. Entoavam cânticos de louvor à virgem, desfolhando sobre ela flores do jardim lá de casa. Brincavam de coroação o mês inteiro, com o maior fervor (...) uma criança viva, ocupada sempre com brinquedos diferentes dos outros meninos. No barracão pegado à casa e que servia de depósito de coisas velhas, guardava recortes de jornais e revistas dos artistas de cinema de sua predileção (...) Quando não estava ocupado com cinema e o mês de maio já se tinha ido há muito, brincava de boneca com as meninas, escandalizando papai que por isso brigava com mamãe (...) Mais sensível, seus pressentimentos com relação àquele filho, o caçula, não a enganavam. Adivinhava nele um menino diferente dos outros, alguma coisa que ela própria não sabia o que (...) Nonô crescia realmente diferente: delicado, preferia as meninas e seus brinquedos à companhia dos garotos estouvados. Adorava cinema. Vivia debruçado sobre revistas de cinema, recortando e lendo tudo que se relacionava com os artistas (...) apesar de inteligente e sensível, não gostava da escola, onde era considerado um dos alunos mais apagados (...) Se ia conosco fazer alguma visita, não perdia nenhum detalhe da casa e dos seus moradores (...) Bem pequeno ainda, mamãe, notando sua inclinação para o piano, pois ficava horas tentando repetir no piano (...) mandou-o estudar com D. Cecília (...) Crescia sempre delicado, predileto de Tidoce, mas papai não compreendia aquele filho tão

diferente dos outros, culpando mamãe pela sua educação defeituosa, com tantos mimos." (46).

Os futuros romancistas são sensíveis às vicissitudes em que os indicadores menos equívocos são manipulados com a inversão de sua carga distintiva como no episódio em que uma freira coloca as calças em Cyro dos Anjos de frente para trás:

"(...) Outra lembrança infeliz: meu vexame, no dia em que Soeur Blanche me vestiu a calça com a braguilha para trás. Voltando da casinha, que ficava ao fundo do quintal, escorreguei na lama, sujei a roupa: depois de lavá-la e enxugá-la, a inexperiente mestra arrumara-me daquele jeito (...) Quanto não sonhara em entrar para o Grupo! Ali iria encontrar os bambas do futebol da várzea e do poção do Padre Chaves; garotos famosos como Joaquim, filho de Manuel Barbudo, o açougueiro, peritos no empinar araras que subiam." (47).

Não se trata de invocar tendências naturais ou congênitais a esses futuros escritores, sendo inúmeras as evidências que comprovam o desejo de se verem identificados com os 'bambas', os 'moleques', os 'craques da pelada', em suma com os homens de sua classe. Sentindo-se alijados das brincadeiras através das quais os meninos de sua cidade incorporam as maneiras de ser e de atuar características "daqueles que sabem soltar pipas", estão condenados às danças de roda e a outras formas de entretenimento femininas. Por outro lado, eles parecem propensos a se identificar com os padres, único corpo de especialistas cujo prestígio se assentava na execução de tarefas que assumiam dimensões mágicas aos olhos de crianças do interior. A condição de herdeiros de uma posição em falso tanto no espaço da classe dirigente como no interior de sua própria família, marcada pelas constantes mudanças de emprego do pai e reforçada pelas diversas variantes de nomadismo familiar, estimula não apenas uma familiarização crescente com as práticas e os trabalhos das mulheres mas também levá-os a se aproximarem dos agentes e carreiras que se encontram mais impregnados pelos traços constitutivos do trabalho simbólico.

(46) M. H. Cardoso, *op. cit.*, pp. 272/274.

(47) Cyro dos Anjos, *op. cit.*, p. 15.

A frequência a escolas de meninas ou de freiras, os estigmas físicos e sociais, o envolvimento com os padres e o fascínio que então exerciam as carreiras ligadas ao culto, tinham como contrapartida não apenas a mortificação que provocavam os "insucessos nos brinquedos que dependiam de força ou destreza" (48). O trabalho de coroinha, por exemplo, permitia lidar com os únicos profissionais da produção simbólica que eram então acessíveis e participar de uma atividade socialmente prestigiosa e gratificante aos olhos desses deserdados da classe dominante. Responder prontamente às deixas do celebrante, ter o porte firme e ao mesmo tempo movimentar-se em torno do altar como se estivesse deslizando, envergar com dignidade a sotaina e a sobrepeliz, manejar os objetos do culto (turíbulo, galhetas, patena, missal, campainha), desempenhar com brilho o papel de fiel modelar na mira de toda a assistência, e sobretudo participar de um ritual cujas injunções impõem aos oficiais o domínio prático de uma encenação marcada por valores estéticos, eis algumas das ocasiões em que o coroinha pode se iniciar e se exercitar nos segredos, nos interditos e nas engrenagens de um desempenho cultural que não está muito longe do trabalho intelectual.

"Seu Nuno quis transformar-me em ajudante de missa, e isto me atraiu, deixei-me suggestionar, embora ignorando que esforços a novidade exigiria de mim (...) Assim me edifiquei, a princípio moderadamente, depois excessivo e entusiasmado. Afeição-me aos toques de sino, ao cheiro de incenso, decorei as frases do ritual e, de casa para a loja, da loja para a casa, ao passar diante da igreja, tirava o chapéu, rezava um padre-nosso e uma ave-maria. Nesse tempo a minha grande ambição foi dedicar-me inteiramente ao serviço de Deus e entrar no seminário. Não entrei, mas andei perto. Guardadas na memória as palavras exóticas, recebi o favor que, em orações, à noite, ajoelhado no tijolo, pedi ao céu: uma batina de casimira e um roquete de linho com renda larga." (49).

"Só aos discípulos do emérito João Braga, e no impedimento do mestre, se permitia o manejo das cordas que pendiam dos badalos. Esses meninos, a quem minha imperícia votava uma admiração plena de humildade, co-

nhecia, a fundo, a arte de tanger e destanger, picar e repicar, correr ou dobrar sinos. Ignaro coroinha, eu nem mesmo distinguia, pelo significado, os diferentes toques, a não ser o dobre de finados (...) A tal ponto crescera a emulação entre as diferentes escolas, e a tais requintes chegaram elas (...) Sabia-se quando o insigne Braga repicava: não era possível confundí-lo com Joaquim (...) que demorava muito nos graves (...) Criara-se uma casta entre os ortodoxos, e esta efetivamente se alicerçava no mérito, podendo abrir-se ao filho do açougueiro e, entretanto, fechar-se ao enteado do presidente da Câmara (...) Se se confiavam os sinos a poucos e raros, não era o turíbulo objeto dos mesmos cuidados. Reputava-se de alta dignidade o ofício de trazê-lo e alimentá-lo de brasas e incenso; como a tarefa não pedia habilidade especial, imperava porém o pistolão: para se alcançar o posto de turiferário, mais influíam as recomendações a Seu Esdras Sacristão que os bons serviços prestados à Igreja, nos duros misteres relegados por Joana Gomes a mãos seculares. De quão espinhosa era a carreira de coroinha fui advertido, desde o primeiro dia, ao me negarem rudemente uma batina, fazendo-me ver que eu pretendia começar por onde os outros terminavam. Vesti desiludido a descorada opa que me estenderam, e nunca mais sonhei com o prestígio e a pompa das vestes talaras. Meu tempo de serviço encerrou-se, pois, sem que eu houvesse galgado sequer um degrau, ou, ainda como suplente, fosse convocado para ajudar à missa (...) Para nós, de engenho remisso, havia, entretanto, a esperança de poder acompanhar o Sr. Bispo, quando periodicamente visitava as famílias importantes da cidade. Então, Seu Esdras nos confiava uma batina, a título precário, a fim de nossa indumentária não destoar das demais. Não passavam de meia dúzia os acompanhantes, e o encargo que recebiam, além das vantagens impalpáveis da Glória, proporcionava bens temporais, concretos e imediatos. Ora se lambiscava um calicezinho de moscatel ou de porto (...) ora se ganhavam caramelos, frutas, docinhos (...) Aos graduados, que recebiam batina e sobrepeliz, conferia-se um privilégio nas novenas de maio: sem disto suspeitar, Seu Esdras Sacristão os colocava em lugar estratégico para os namoros, confiando-lhes a guarda do altar lateral onde se realizavam as coroações. Ficavam, assim, os felizardos

(48) *Id., ibid.*, p. 9.

(49) Graciliano Ramos, *op. cit.*, pp. 183/4.

perto das meninas mais taludas, a quem incumbia reforçar o cantinho fraco dos anjos.”⁽⁵⁰⁾

O trecho abaixo evidencia algumas das estratégias a que recorrem os ‘parentes pobres’ para fazer valer seu capital de relações sociais e cujo traço comum consiste em rentabilizar ao máximo qualquer investimento bem sucedido. Agregar parentes na casa das filhas casadas, atribuir o ônus material dos filhos que se casam à família dos sogros, e outros tantos expedientes mediante os quais explora-se a rede de relações e que são por vezes designados no plano da linguagem por uma série de expressões que foram se desprendendo, ao longo do tempo, das condições sociais que as suscitaram: “tapar buraco”, “fazer das tripas coração”, “tapar o sol com a peneira”, “quem não tem cão caça com gato”, etc., adágios que denotam o equilíbrio precário da posição em falso em que essas famílias se encontram, quase empenhadas em repartir os encargos materiais, “encostando” alguns de seus membros em parentes abonados, restringindo a um mínimo as despesas dos que se vêem a braços com o sustento da família na posição de relegação para onde seus arrimos foram ‘despejados’.

“Mamãe e Lourdes foram para o interior de Minas, para a casa de Zizina. Ficariam lá o tempo preciso para que as finanças da família se equilibrassem e pudéssemos abrir de novo a casa, com todos reunidos. Mais uma vez o nosso lar fracassara. Papai tinha voltado de Pirapora, mais velho, cansado e sem emprego, nada podia fazer para ajudar e nem tínhamos coragem de exigir alguma coisa dele. Fausto, já com uma filha pequena e a mulher, tinha deixado a clínica em Divisa Nova para, a instância dela e dos seus parentes, fixar-se no Rio. Enquanto não tinha uma colocação que lhe permitisse esperar pela clínica particular, morava conosco. A pensão que nos dava, porém, cobria apenas as suas despesas e da família. A única fonte de renda era Dauto, empregado do Lloyd Brasileiro e percebendo um modesto ordenado. As cousas iam de mal a pior. O dinheiro não era suficiente e, como dizia mamãe, para se “tapar um buraco”, abria-se outro. Vivíamos tirando daqui para botar ali e a situação era cada vez mais grave. Tristes, sem ver uma saída, chegamos a um ponto em que o conselho de família se reuniu para deliberar sobre

(50) Cyrô dos Anjos, *op. cit.*, pp. 94/97.

o que se podia fazer (...) chegou-se a um acordo quanto ao mais urgente: dissolver a casa tal como era: Fausto, com a mulher e a filha, iria morar provisoriamente com o sogro na Tijuca; mamãe, Lourdes e eu, iríamos nos juntar a papai que, há cerca de um mês, fora para a casa de minha irmã e que de lá escrevia sugerindo a providência que, por fim, vínhamos de adotar; Dauto e Nonô ficariam no Rio, com as despesas reduzidas a um mínimo, amortizando as dívidas acumuladas com o dinheiro resultante da economia. Mamãe e eu não ficamos satisfeitas com a decisão tomada. Aquela ida em massa, do elemento feminino da família, para o interior, não nos convinha. Não ficávamos tranqüilas quanto à nossa volta. Estávamos cansadas de andar de déu em déu, ora aqui ora acolá, sem nunca podermos ter uma casa nossa, como todo o mundo. Mal começávamos a deitar raízes num lugar, nova crise e ordem de levantar o acampamento (...) Podíamos sair por uns tempos, enquanto a situação melhorasse, mas como garantia, um de nós permanecendo para vigiar as cousas como andariam e garantir a voltar a um lar finalmente estável (...) O melhor mesmo era uma de nós não arredar pé, enquanto não visse garantida a nossa volta e a continuação da casa. E foi o que decidimos, depois de muito conversar. Onde podiam dois, ficavam três. E mamãe comunicou a Dauto o nosso ponto de vista: o melhor para a continuação da casa, seria a permanência de uma das mulheres no Rio, ou do contrário papai impor a sua decisão (a de ficar definitivamente em Viçosa onde morava a outra irmã casada). Depois de alguma relutância, acabou concordando, ficando assentado que eu ficaria. Três dias depois ele e Lourdes partiam para Viçosa, Fausto e família mudavam-se para a Tijuca e eu e Nonô, depois de vermos, não sem melancolia, sair o último móvel de Fausto, começamos a faina de procurar uma casa menor, mais barata e que acomodasse a nós e o resto da família, quando do regresso do exílio forçado.”⁽⁵¹⁾

Tanto os deslocamentos no espaço da classe dirigente como a familiarização com os instrumentos e as exigências do trabalho feminino, tendem objetivamente a minar os laços afetivos

(51) M. H. Cardoso, *op. cit.*, pp. 114/5.

que prendem os futuros romancistas à sua classe e da qual vão aos poucos se desgarrando. O afrouxamento desses laços decorre da impossibilidade de virem a ocupar qualquer posição ligada à propriedade, ou então, de reproduzirem as estratégias de sobrevivência material que seus pais tiveram ensejo de acionar num estágio pregresso quando ainda contavam com um capital de relações sociais relativamente intacto. Seja qual for a variante em que se enquadra cada um dos casos, os futuros cronistas da falência de sua própria classe se encontram impedidos de reproduzir a posição social paterna a não ser no espaço da reconstrução literária. Esta experiência dramática de 'desclassificação' social assume, no correr da primeira infância e ao longo da adolescência, a forma de uma identificação com as mulheres. E ao invés de constituir-se no lance derradeiro do declínio, o fato de se verem relegados ao universo feminino lhes permitiu utilizar sua trajetória social como matéria-prima de narrativas literárias produzidas em bases profissionais.

Autodidatas e profissionais do trabalho literário

"Aos doze anos e meses de idade eu sabia que o pouco que aprendi valia bem pouco, se valesse alguma coisa. Não fui mais a escola nenhuma, desaprendia. Faltava-me estímulo, faltava-me apoio. Até hoje não sei por que fiquei sem estudar. Que razão houve para eu não voltar à escola? Não sei. Talvez prenúncio misterioso da minha mãe, antevendo que a partir dos meus quinze anos, por pobreza e outras desgraças, eu não poderia estudar mais nunca, regularmente. À parte a hipótese, naquela época havia a considerar o fato de que meu pai era professor, tinha feito tudo para que os sobrinhos estudassem." (52).

As quebras na continuidade da trajetória escolar de muitos dos futuros romancistas decorriam dos apertos por que passava o orçamento familiar. Enquanto alguns deles puderam se valer da ajuda financeira ou do apoio logístico de parentes e amigos da família, os demais se defrontaram desde cedo com a necessidade de prover o próprio sustento, ou então, como

(52) Luis Jardim, *O Meu Pequeno Mundo (Algumas Lembranças de Mim Mesmo)*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1976, p. 137.

nos casos de Graciliano Ramos e Érico Veríssimo, tentaram por uns tempos tirar partido da reputação familiar no comércio. Por força das constantes mudanças de residência e cidade, viam-se forçados a mudar de colégio ou a depender dos préstimos das entidades mantenedoras das instituições de ensino. Alguns deles interromperam os estudos antes mesmo de concluir o secundário, outros no início do curso superior. Seja como for, a exclusão do sistema de ensino teve consequências no tocante à percepção das alternativas de carreira.

O mesmo conceito que Graciliano tinha de seu professor primário — um homem sem "lugar definido na sociedade" (53) — poder-se-ia estender ao desnorteamento que impedia esses escritores de renunciarem seu paradeiro como 'homens feitos'. Vários deles não dispunham de um diploma superior que os habilitasse a concorrer pelos postos públicos destinados a acolher "parentes pobres" em situação idêntica; outros conseguiram se tornar bacharéis quando não era mais possível abrir mão dos investimentos que vinham fazendo enquanto livre atiradores no campo da produção literária e artística. Se por uns tempos passam a atribuir a falta de perspectivas à exclusão do sistema de ensino, essa situação lhes dará condições para se aventurarem em gêneros de elevados riscos quanto às retribuições materiais e simbólicas. À medida que passaram a depender cada vez mais de suas atividades regulares nas profissões liberais, ou como assalariados da empresa privada, e até mesmo enquanto comerciantes, se mostravam menos sensíveis às gratificações e subsídios concedidos por instâncias externas ao mundo intelectual com vistas a tutelar a problemática das obras e direcionar as tomadas de posição dos produtores.

A irmã de Lúcio faz um balanço exaustivo das leituras que ambos faziam, relembra o fascínio que exerciam os novos gêneros e aponta os personagens com que se identificavam: "(...) lia toda uma enfiada de livros a mais disparatada possível: *Capitain*, *Pardaillan*, *Fausta Vencida* de Miguel Zevacco, *O Piano de Clara*, *O Violino*

(53) Graciliano Ramos, *op. cit.*, pp. 180/181: "Este não tinha lugar definido na sociedade. Para bem dizer, não tinha lugar definido na espécie humana: era um tipo mesquinho, de voz fina, modos ambíguos, e passava os dias alisando o pixaim com uma escova de cabelos duros (...) mirando-se num espelho, namorando-se, mordendo a ponta da língua (...)"

do Diabo, Anjos da Terra, de Perez Escrich, *Memórias de um Médico*, Visconde Bragelone, *Vinte Anos Depois*, *Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, quase tudo de Júlio Verne, todos os fascículos de Sherlock Holmes, Nick Carter e Arsène Lupin e os primeiros romances de Paul Bourget, em grande moda, da *Bibliothèque de Ma Fille*, *A Filha do Diretor do Circo*, que me pôs triste por muitos dias, tudo misturado com *Recordações da Casa dos Mortos*, *Le Crime de Sylvestre Bonnard*, *Le Lys Rouge*, *Crime e Castigo* e muita coisa de que não me lembro (...) Gustavo, menino feioso (...) se tornara para mim numa criança bonita (...) apenas porque possuía uma assinatura d'O Tico-Tico, recebendo no fim do ano, um almanaque grande cheio de histórias, cada qual mais linda. Como seria feliz se pudesse ler aquele jornalzinho com calma, folheando as páginas vagarosamente, contemplando bem todos aqueles bichos coloridos, personagens meus queridos, como Zé Macaco, Faustina, Chiquinho, Cachimbon na Pandegolândia (...) Até então só conhecia a literatura francesa. Coube a Nonô, ainda adolescente, me iniciar noutros mundos (...) ampliei meus conhecimentos na literatura russa (...) Tolstói, Tchecov, Gogol, Turgueniev. Fizemos mais uma aquisição: os grandes romancistas ingleses, sobre os quais não tinha a menor idéia: Galsworthy, Thomas Hardy, George Elliot, Mrs. Gaskell, as irmãs Brontë (...) Moore e Joseph Conrad (...) Eram tardes em que, inteiramente livre e alegre, partia em busca de romances policiais. Foi no recreio que (...) me falou um dia (...) dos romances policiais em fascículos, Sherlock Holmes e Nick Carter (...).⁽⁵⁴⁾

Ao invés de serem colhidos pelos mecanismos usuais de cooptação através dos quais os 'parentes pobres' eram remanejados no interior da classe dirigente, alguns desses futuros romancistas passaram a se defrontar com uma situação paradoxal quanto às possibilidades de fazer valer, no mercado de trabalho intelectual, o capital cultural que haviam acumulado. Conquanto não pudessem negociar títulos escolares legítimos que lhes facultassem o acesso às posições de refúgio no mercado público de postos, dispunham por outro lado de um ca-

(54) M. H. Cardoso, *op. cit.*, pp. 66, 116, 202.

pital cultural amplamente diversificado. Sabiam falar línguas estrangeiras, haviam incorporado as disposições culturais de suas famílias em relação ao consumo de gêneros artísticos eruditos — a ópera, a música clássica, os grandes mestres da pintura. Entretanto, esse tipo de formação cultural havia deixado de constituir por si só uma garantia para a obtenção de empregos no mercado de trabalho intelectual e artístico. Afora o conjunto de determinações ligadas à sua origem de classe e à trajetória de suas respectivas famílias, contavam com o trunfo decisivo de terem podido se familiarizar com as novas formas de produção cultural de procedência norte-americana.

A leitura das estórias em quadrinhos, dos romances policiais, dos romances de capa e espada e, em especial, a frequência ao cinema, os discos, e os demais meios de comunicação que então passaram a veicular os princípios de estruturação do discurso literário que viriam se substituir aos modelos narrativos consagrados no século XIX na Europa, foram as principais fontes de referência na nova etapa em que ingressava o processo de "substituição de importações" no campo da produção cultural de uma formação social dependente. Se para seus antecessores anatolianos, a cultura metropolitana era veiculada basicamente através "dos almanaques, dos manuais de viver, dos relatos de viagem, dos romances de aventuras, das biografias edificantes, da história em sua forma literária ou épica, da 'etnografia' à Kipling", ou então, pela re- tradução que as Faculdades de Direito faziam da economia, da filosofia e da sociologia européias⁽⁵⁵⁾, os futuros romancistas tiveram que adquirir a competência cultural que então se exigia daqueles agentes que assumiriam os trabalhos de adaptação, no plano interno, dos gêneros que o imperialismo começava a divulgar através de veículos capazes de atingir públicos cada vez mais extensos e, sobretudo, dotados de mecanismos próprios de legitimação que dispensavam o aval de instâncias — academias, cenáculos e demais comitês da cultura erudita — que haviam sido até então as concessionárias da consagração intelectual e artística na Europa.

As transcrições abaixo dão conta da "americanização" dos modelos culturais nos países dependentes por força da posição dominante que os Estados Unidos passaram a ocupar no contexto do sistema capitalista. Tal processo implicou transformações de peso tanto no que se refere aos gêneros de

(55) S. Miceli, *op. cit.*, p. 81.

importação recente que passaram a ser produzidos no plano interno, como no que diz respeito às inovações no plano da narrativa e aos padrões de relacionamento que a metrópole passou a manter com os intelectuais da periferia.

"(...) lia também os livros franceses que encontrava, principalmente os da *Bonne Presse* de Paris e o *Noel*, as *Lectures pour tous*, de mistura com Nick Carter, Sherlock Holmes, Tico-Tico, os rodapés do jornal *O São Paulo*, José de Alencar, Perez Escrich, os Irmãos Grimm, Feuillet, Alexandre Dumas, Condessa de Ségur, Ohnet, Cônego Achmid, Régnier (...) Um dia li Quincas Borba e fiquei trêmulo (...) durante a Faculdade (...) eu tinha descoberto os russos e vivia unicamente entre os heróis de Dostoiewski, de Puchkine, de Gorki, de Gontcharof, Tolstói, Leskow e tantos outros, e, ao mesmo tempo, comecei a só me vestir de preto ou de escuro. Sentia-me profundamente infeliz, e gostava muito de discutir sobre os destinos finais do homem, mas continuava certo de que era pintor." (56).

"Eu precisava ler, não os compêndios escolares, inossos, mas aventuras, justiça, amor, vinganças, coisas até então desconhecidas. Em falta disso, agarrava-me a jornais e almanaques, decifrava as efemérides e anedotas das folhinhas (...) Arranjava-me lentamente, procurando as definições de quase todas as palavras, como quem decifra uma língua desconhecida. O trabalho era penoso, mas a história me prendia, talvez por tratar de uma criança abandonada. Sempre tive inclinação para as crianças abandonadas. No princípio do romance longo achei garotos perdidos numa floresta, ouvindo gritos de lobos." (57).

"Entre o princípio deste século e os primeiros anos da 1.ª Grande Guerra, o cinema italiano e o francês ocupavam na América Latina — e também no resto do mundo — um lugar que lhes haveria de ser um dia arrebatado pelas companhias americanas (...) preferíamos as películas de guerra e aventuras, seriados da Pathé, Gaumont, como *Zigomar*, *Judex*, *Rocambole*, *Fantomas* (...) detestávamos os filmes de amor da Cines, da Ambrosio

e da Pasquali (...) vibrávamos com os filmes históricos (...) tipo *Quo Vadis*." (58).

O empenho com que os modernistas fizeram avançar o processo de "substituição de importações" no campo cultural ao privilegiar os princípios de produção introduzidos pelas correntes da vanguarda européia, era em certo sentido uma maneira de darem continuidade à galomania de seus antecessores anatólios. Os convites que instituições norte-americanas fazem a intelectuais brasileiros no decorrer das décadas de 30 e 40 apresentavam motivações distintas e obedeciam a um padrão sofisticado de cooptação político-ideológica. Enquanto os intelectuais do modernismo, em vilegiatura na Europa, frequentavam os círculos oficiais e diplomáticos, prova dos laços que mantinham com a fração culta e europeizada da oligarquia nativa, o aliciamento dos romancistas se realizou através das universidades e do próprio governo norte-americano. As novas relações de dependência tiveram que encontrar fórmulas capazes de atrair esses intelectuais quase profissionais e persuadi-los a participar das novas modalidades de 'intercâmbio cultural'. Não é de estranhar, portanto, que sejam as universidades e as agências oficiais voltadas para a luta ideológica que mais contribuíram para a "americanização" dos intelectuais dependentes.

A situação profissional dos romancistas

Dentre as mudanças que irão afetar a definição social do trabalho intelectual na conjuntura dos anos 30 e 40, a mais importante delas refere-se diretamente à possibilidade que encontraram alguns escritores de dedicar-se à produção literária enquanto sua principal atividade profissional. De fato, havia apenas um grupo restrito de escritores que puderam se consagrar em tempo integral à produção de obras literárias e artísticas, seja voltados predominantemente para a produção especializada num determinado gênero — como nos casos de Érico Veríssimo, Jorge Amado, José Lins do Rego, todos eles concentrando o grosso de sua produção nos romances que lançaram no mercado —, seja repartindo seu tempo e seus investimentos em diversos gêneros — como nos casos de Lúcio Cardoso, que estendeu seus interesses ao teatro e ao cinema, de

(56) Cornélio Penna, *op. cit.*, pp. LVII/LVIII.

(57) Graciliano Ramos, *op. cit.*, pp. 201 e 210.

(58) Érico Veríssimo, *op. cit.*, p. 104 e segs.

QUADRO VI — A PRODUÇÃO DOS ROMANCISTAS

Ano	Autor	Obra
1928	José Américo de Almeida	A Bagaceira (estréia)
1930	Rachel de Queiroz	O Quinze (estréia)
1931	Jorge Amado Marques Rebelo	País de Carnaval (estréia) Oscarina (estréia)
1932	Rachel de Queiroz José Lins do Rego Érico Veríssimo	João Miguel Menino de Engenho (estréia) Fantoches (estréia)
1933	Graciliano Ramos José Geraldo Vieira Jorge Amado Érico Veríssimo Marques Rebelo José Lins do Rego	Caetés (estréia) A Mulher que Fugiu de Sodoma (estréia) Cacau Clarissa Três Caminhos Doidinho
1934	Lúcio Cardoso Graciliano Ramos José Lins do Rego Jorge Amado	Maleita (estréia) São Bernardo Banguê Suor
1935	Cornélio Penna José Américo de Almeida Érico Veríssimo José Lins do Rego Jorge Amado Marques Rebelo Lúcio Cardoso	Fronteira (estréia) O Boqueirão Coiteiros Música ao Longe Caminhos Cruzados O Moleque Ricardo Jubiabá Marafa Salgueiro
1936	José Lins do Rego Graciliano Ramos Jorge Amado Érico Veríssimo José Geraldo Vieira Lúcio Cardoso	Usina Angústia Mar Morto Um Lugar ao Sol Território Humano A Luz no Subsolo
1937	Cyro dos Anjos Octavio de Faria Rachel de Queiroz Origenes Lessa José Lins do Rego Jorge Amado	O Amanuense Belmiro (estréia) Mundos Mortos (estréia/ficção) Caminho de Pedras O Feijão e O Sonho (estréia/romance) Pureza Capitães de Areia

Ano	Autor	Obra
1938	José Lins do Rego Graciliano Ramos Érico Veríssimo Marques Rebelo Lúcio Cardoso	Pedra Bonita Vidas Secas Olhai os Lírios do Campo A Estrela Sobe Mãos Vazias
1939	Rachel de Queiroz José Lins do Rego Lúcio Cardoso Cornélio Penna Octavio de Faria	As Três Marias Riacho Doce Histórias da Lagoa Grande Dois Romances de Nico Horta Os Caminhos da Vida
1940/ 1945	José Lins do Rego Jorge Amado Érico Veríssimo Lúcio Cardoso Octavio de Faria Marques Rebelo José Geraldo Vieira Cyro dos Anjos	Água-Mãe ((41) Fogo Morto (43) Terras do Sem-Fim (42) São Jorge de Ilhéus (44) Saga (40) As Mãos de Meu Filho (42) O Resto é Silêncio (43) O Desconhecido (40) Dias Perdidos (43) O Lodo das Ruas (42) O Anjo de Pedra (44) Stela me Abriu a Porta (42) A Quadragésima Porta (43) Abdias (45)

Cornélio Penna que chegou a firmar-se como pintor e ilustrador antes de voltar-se exclusivamente para a ficção, de Luís Jardim, que manteve suas atividades de ilustrador e capista paralelamente à sua produção literária. Um segundo grupo, onde se incluíam entre outros Orígenes Lessa, Graciliano Ramos, Cyro dos Anjos, Rachel de Queiroz, José Geraldo Vieira, mantém a atividade literária, pelo menos durante um período mais ou menos prolongado, como prática subsidiária, sendo que a parcela substantiva de seus rendimentos provém de atividades profissionais externas ao campo intelectual e artístico. Estão reunidos nesse segundo grupo tanto aqueles escritores que tiveram condições para prosseguir sua carreira intelectual às custas dos mecanismos clássicos de cooptação e, portanto, graças aos postos públicos com que foram brindados (Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Cyro dos Anjos) como os que derivavam suas condições de existência do exercício de ocupações (agências de publicidade, etc.) vinculadas marginalmente

à sua competência cultural (Orígenes Lessa, José Geraldo Vieira, etc.) ⁽⁵⁹⁾.

Com vistas a ilustrar as condições sociais que permitiram a alguns escritores se tornarem romancistas profissionais, basta apresentar a biografia de Érico Veríssimo cujas disposições favoráveis ao trabalho intelectual coincidiram com as demandas em expansão da editora mais importante fora do eixo Rio-São Paulo (Editora Globo). Descendente de famílias de grandes proprietários rurais falidos e filho de um farmacêutico cujos conhecimentos práticos em medicina levaram-no a improvisar uma espécie de hospital no interior gaúcho, Érico tentou por uns tempos tirar partido da reputação paterna adquirindo uma farmácia mas não teve êxito nessa atividade.

"Onde estava eu no último mês do ano de 1922? Em Cruz Alta, de volta de Porto Alegre, onde cursava o Colégio Cruzeiro do Sul como interno. Exatamente no dia em que cheguei à casa de meus sonhos, das minhas fantasias e da minha saudade, meu pai e minha mãe se separaram. Caí num estado de profunda depressão, decidi abandonar o curso ginásial inacabado e começar logo a trabalhar. E naquele resto de dezembro eu me preparei masoquisticamente para um Natal triste (...) Aceitei um emprego, com um salário ínfimo, no armazém duma firma que fornecia gêneros alimentícios para a guarnição federal da cidade (...) Tinha eu a impressão de que todos os meus sonhos e projetos se haviam desfeito em poeira (...) O meu consolo eram os livros e as minhas próprias fantasias (...) Do armazém passei para uma casa bancária, onde me entregaram um livrão de controle geral (...) Fui mais tarde promovido a chefe da Carteira de Descontos (...) De bancário passei a boticário, sem menor vocação para o comércio e saber sequer dosar papéis de calomelanos (...) Nos quatro anos e pico em que durou a minha aventura farmacêutica, lá de vez em quando eu reunia uns cobres, tomava o trem e ia passar uns dias em Porto Alegre (...) Em 1930, a farmácia foi à bancarrota (...) Estava falido, sem vintém no bolso, sem profissão certa... e noivo (...)" ⁽⁶⁰⁾.

(59) A respeito da trajetória ocupacional e intelectual dos romancistas, consultar o quadro que acompanha este capítulo.

(60) Érico Veríssimo, *Um certo...*, pp. 8/11, 15 e 19.

Entre 1922, pique de seu desnorreamento, e 1930, quando retorna definitivamente a Porto Alegre e ingressa na Editora Globo, Érico enfrentou todos os percalços a que se vê exposto um intelectual autodidata dilacerado entre a ambição de dedicar-se às práticas simbólicas e a impossibilidade objetiva de ser colhido numa posição do mercado de postos capaz de lhe propiciar as condições necessárias para encetar uma carreira intelectual segundo os padrões dominantes na época.

"Subia até ao ilustre território de Mansueto Bernardi, onde ficava folheando livros franceses (...) Com o rabo dos olhos observava o ambiente, na esperança de que se encontrassem ali alguns dos escritores gaúchos de renome que eu costumava ler em livros ou nas páginas do *Correio do Povo* e do *Diário de Notícias*. O sujeito magro, sardento, anguloso, levemente encurvado, a pele transparente (...) ah! esse só podia ser Augusto Meyer (...) por quem eu tinha uma ilimitada admiração (...) Em Porto Alegre bati em muitas portas em busca dum emprego, mas sem nenhum resultado positivo. Em desespero de causa resignei-me à idéia de ser empregado público e, como me tivessem informado de que havia uma vaga na Secretaria do Interior, para lá me atirei. Fui levado à presença de Moysés Vellinho (que naquele tempo fazia crítica literária) (...) O chefe do gabinete de Oswaldo Aranha recebeu-me com grande cordialidade, e me declarou que havia lido com agrado vários contos meus (...) Para encurtar o caso, não havia vaga na Secretaria (...) Aproximava-se o fim do ano, o dinheiro que eu trouxera comigo minguava e eu continuava desempregado. Uma tarde, porém, à porta da Livraria do Globo, encontrei Mansueto Bernardi, então diretor da *Revista do Globo* e que, como os jornais já haviam noticiado, preparava-se para ir dirigir a Casa da Moeda, no Rio de Janeiro, a convite de seu amigo Getúlio Vargas" ⁽⁶¹⁾.

Ante a inviabilidade de repetir os passos de seus modelos de excelência intelectual no plano local — tanto Mansueto como Augusto Meyer se deslocaram para o Rio de Janeiro convocados a ocuparem postos elevados nos aparelhos do Estado — Érico arranja um emprego na *Revista do Globo* passando a ganhar 600 mil-réis.

(61) *Id.*, *ibid.*, pp. 15, 19/20.

"Na realidade, nunca havia entrado numa tipografia. Não conhecia nem de vista um linotipo. Não tinha idéia de como se fazia um clichê ou se armava uma página (...) Em cima de minha mesa achavam-se os meus melhores colaboradores: a tesoura e o vidro de goma-arábica. Não havia verba para pagar colaborações. Eu tinha de encher a revista praticamente sozinho, pirateando publicações alheias, de preferência estrangeiras. Um gerente prático me havia prevenido contra o perigo de publicar muita 'literatura', pois o importante era fazer uma revista popular, com muitas figuras — retratos dos assinantes, o galante menino tal, a bela senhorita fulana, rainha do Clube Recreio de Muçum, ecos do carnaval de Cacimbinhas ou São Sepé. Publicávamos também sonetos da autoria de coroneis reformados ou coletores aposentados que acontecia serem bons fregueses da Casa (...) era meu hábito mandar fazer clichê de alguns dos belos desenhos que ilustravam os contos das revistas americanas. Quando me vinham as provas desses clichês eu, invertendo o processo habitual em todas as revistas do mundo (...), inventava e escrevia às pressas contos que se adaptassem àquelas ilustrações e firmava-as com um pseudônimo estrangeiro. Gilbert Sorrow apareceu como autor da estória (pasticho de Remarque) intitulada *Lama das Trincheiras*. Mais tarde um tal Dennis Kent escreveria *O Navio das Sombras*. E quantas vezes, para 'tapar buracos' nas páginas da Revista, fui poeta árabe, chinês, persa e hindu? (...) uma espécie de factotum literário. Se uma equipe anônima organiza um livro ou escreve um ensaio e precisamos de um nome para aparecer como autor dessas tarefas, convocamos Gilberto Miranda que, assim tem sido, além de tradutor, especialista em crítica literária, modas femininas e masculinas, trabalhos manuais, política internacional, História Natural, Psicologia, etc." (62).

No ano seguinte, inicia sua colaboração na página literária dominical do *Diário de Notícias* e do *Correio do Povo*, além de traduzir livros do inglês, tudo isso para suplementar os ganhos com a Revista. Dividia seu tempo entre suas múltiplas atividades na Revista e na Editora, e os trabalhos que fazia em casa como tradutor e autor. Na editora e na revista, ele se incumbia de todo tipo de tarefa, incluindo leitura de originais

(62) *Ibid.*, *ibid.*, pp. 21, 24/25, 57/58.

inéditos, sugestões para aquisição de obras, montagem de novas coleções na área ficcional, contatos com autores e tradutores e assim por diante.

Em 1932, consegue editar seu primeiro romance, *Fantoches*, numa tiragem de 2.500 exemplares e, em seguida, publica *Clarissa* numa coleção de bolso bastante eclética do ponto de vista da legitimidade dos autores selecionados, com tiragem de 7.000 exemplares; conclui no mesmo ano a tradução de *Contraponto* de Huxley que ele mesmo havia sugerido e que seria um êxito comercial surpreendente.

"Levei oito duros meses para traduzir o *Contraponto*, que foi publicado em 1935, no mesmo ano em que apareceu o meu *Caminhos Cruzados* (...) Por mais ridículo e absurdo que pareça, a crítica que se fez em torno do meu romance de certo modo chamou atenção do público brasileiro sobre a obra de Huxley. Dizia-se que eu havia 'imitado' o romancista inglês na minha nova obra, principalmente no que dizia respeito à construção e à intenção simultaneísta. (Esses críticos ignoravam ou esqueciam a existência do *Manhattan Transfer*, de John dos Passos, que eu lera em Cruz Alta, ainda na botica, e do *Moedeiros Falsos*, de André Gide, que me chegara às mãos, já em Porto Alegre, numa brochura de bolso.) (...) A Coleção Nobel foi também idéia de Bertaso: uma série que incluísse não apenas autores que haviam ganhado o famoso prêmio mas também outros autores de valor literário. Organizei uma lista de escritores que poderiam fazer parte dessa *ilustre companhia*" (63).

Já em 1935 recebe o prêmio anual de romance concedido pela Fundação Graça Aranha a *Caminhos Cruzados*, escreve *A Vida de Joana D'Arc* e publica *Música ao Longe*, novela em que reaparece a personagem Clarissa, e com a qual concorre ao Prêmio de Romance Machado de Assis instituído pela Companhia Editora Nacional. Entre 1936 e 1940, ano de sua primeira viagem aos Estados Unidos convidado pelo Departamento de Estado, escreve e publica outros cinco livros: três romances (*Um Lugar ao Sol*, *Olhai os Lírios do Campo*, *Saga*), uma obra de literatura infantil (*As Aventuras de Tibicuera*) e uma fantasia sobre os monstros antediluvianos (*Viagem à Aurora do Mundo*). A essa altura firma sua posição enquanto escritor

(63) *Id.*, *ibid.*, pp. 41/42.

profissional com o êxito estrondoso de *Olhai os Lírios do Campo* cuja primeira edição de 3.000 exemplares se esgota em poucas semanas, sucedendo-se no mesmo ano a segunda e a terceira edições.

Sem sombra de dúvida, sua carreira intelectual coincide integralmente com o surto havido no mercado do livro, fazendo com que a diversidade de suas obras nesse primeiro período retrate fielmente as demandas que lhe fazia a Editora Globo. A rigor, torna-se praticamente impossível estabelecer um relato de sua trajetória propriamente intelectual, vale dizer, os gêneros em que investiu, as problemáticas que converteu em matéria ficcional, os padrões narrativos que adotou, sem referi-la às encomendas e solicitações que se via obrigado a atender: a "cozinha" da Revista, os encargos como 'olheiro' de autores e títulos novos a serem comprados, traduzidos e editados, e demais tarefas que lhe cabiam enquanto conselheiro editorial.

Para desempenhar a contento os encargos de assessoria cultural com que os próprios editores estavam em ampla medida autonomizando as funções estritamente intelectuais numa organização que nada mais tinha a ver com as dimensões de uma editora provinciana, era suficiente conhecer e manejar os procedimentos de fabricação então em voga nos gêneros "americanizados" com que ele havia se familiarizado. Não fosse, por outro lado, a existência da Globo a nível regional e, sobretudo, as possibilidades de levar a cabo um projeto editorial em escala nacional em concorrência com as principais editoras do Rio e São Paulo, é quase certo que Êrico não teria tido a oportunidade de atualizar sua capacidade produtiva na mesma medida, tornando-se, na hipótese mais otimista, um letrado provinciano.